

1822 CENTENARIO DA INDEPENDENCIA 1922

GRANDE LOTERIA DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

9.550.000.000



MAIS
BILHETES
INTEROS
E
MEIOS

DE
VIGESIMOS
E
CENTESIMOS

AUXILIAE ESTA CRUZADA

PREMIOS MAIORES:

1 de	5.000:000\$000
1 de	1.000:000\$000
1 de	500:000\$000
1 de	200:000\$000
2 de	100:000\$000

e mais 3.169 de 50, 20, 10, 5 contos, etc.

OS PREMIOS SERAO PAGOS PELA THEsourARIA DO
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO NO RIO DE JANEIRO

Extracção em 9 de Novembro de 1922

PELO SYSTEMA DE URNAS E ESFERAS INTEIRAMENTE NUMERADAS

Úlceras syphiliticas

- no pescoço e na testa -

Durante alguns mezes sofri de repugnantes úlceras syphiliticas no pescoço e na testa.

Além da vergonha de ver exposta a uma doença da qual não era culpado, meus padecimentos physicos, eram grandes. Recorri a tudo que me indicaram, constatando com desespero a fallencia desses meios e o progresso de minha doença, accentuando-se as dores de cabeça diarias, a queda do cabello, dos dentes e dores no pescoço e no peito. Assim continuei, recorrendo a tudo até que cheguei ao uso do **POLANG** com o qual desde o começo consegui melhorar e com grande satisfação fiquei livre das feridas, manchas do pescoço e da testa, das dores e incommodos syphiliticos.

A meu conselho e por ver os bons resultados obtidos, varios amigos usaram o depurativo **POLANG**, com resultados sempre positivos no rheumatismo, feridas, canceros, corrimiento do nariz e paralisias, devido a accidentes syphiliticos.

Tendo em vista tão humanitarios resultados e sendo a syphilis quasi que a doença commum a todos, faço este attestado e para tornar mais conhecido, o de facto poderoso, anti-syphilitico **POLANG**.

JANUARIO PELESSI — São Paulo

POLANG

O mais seguro DEPURATIVO DO SANGUE

Efficaz DESTRUIDOR dos microbios da SYPHILIS

DORES DE CABEÇA DE ORIGEM SYPHILITICA

Padeci durante annos de dores de cabeça, sobretudo ao ancitecer e ao despertar-me pela manhã, tomei tudo que era indicado, chegando a abusar da Aspirina e antipirina. — Como nunca sofri de outra molestia não sabia a que attribuir tão pertinaz incommodo. Notei, porém, ha mais ou menos 8 mezes o apparecimento de pequenas feridas nos pés e nos braços, cujo aspecto não me agradava, fiz-me examinar e o diagnostico revelou-me a existencia de syphilis — Começando immediatamente o tratamento dessa enfermidade com o depurativo anti-syphilitico **POLANG**, tive a ventura de ver em pouco tempo, desaparecerem as dores de cabeça que me incommodaram tanto tempo, ficando igualmente livre das feridas dos pés e dos braços. — Meu aspecto macilento modificou-se para uma coloração de saúde e cessou a queda dos cabellos que vinha accentuando-se nos ultimos tempos.

Extremamente satisfeito com o uso do **POLANG**, autorizo a publicação de minha cura.

ERNESTO VAN AZAMBUJA — Rio de Janeiro

EM TODAS DROGARIAS E PHARMACIAS



VESTIDOS

MODELOS EXCLUSIVOS
— RECEBIDOS —
DIRECTAMENTE DE PARIS

VISITEM AS SUMPTUOSAS
EXPOSIÇÕES DO —

AO 1.º BARATEIRO

AV. RIO BRANCO, 100

CASA RAUNIER

Para Senhoras

Crêpes: da China, Georgette, Marrocain, Georgia, e Romain. Linhos e linons de linho. Tecidos os mais variados, laizes, rendas, fitas e mais artigos de armarinho.

Tapeçarias

Completo sortimento de tecidos, tapetes, capachos, cortinas, stores, etc.

Para Homens

Alfaiataria, camisaria, chaparia — Meias para senhoras, homens e crianças.

É onde o publico encontra as ultimas novidades de Paris e Londres para Senhoras, Homens e rapazes, pelo menor preço.

Tintura Ideal

para tingir tecidos. Unicos recebedores. A mais afamada e mais barata.

Pacote 1\$500

ROUPAS BRANCAS

Para cama e mesa — Lingerie — Espartilhos, cintos

Agencia de "Publicações Mundiaes" de Braz Lauria

RUA GONÇALVES DIS, 78 — Teleph. 1968 N.

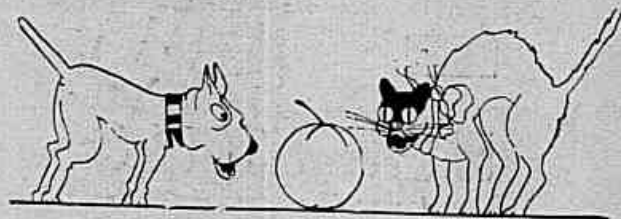
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Romances Illustrados de PAULO DE KOCK a 1\$500

A educação de Flóra	As ligas da noiva
A filha da porteira	A bella costureira
Amor e ciume	A rival de sua filha
Casamento forçado	A filha perdida
A Dama côr de rosa	O collar de diamantes

CONTOS DO VIGARIO — contos humoristicos de Armando Ferrelra		1\$500
AMORES SENIS — romance, por L. Flany		1\$500
FARRAPOS DA VIDA — F. Schwalbach - typos, usos e costumes		1\$500
UM CABRA PERIGOSO — contos singelos		2\$000
A VESPERA DO NOIVADO — conselhos aos noivos e recém-casados		1\$500
AS TREZES NOITES DE JOANNA		2\$000
MEMORIA DE UMA CREADA DE SERVIR		3\$000
DESGOSTOS NA VIDA DOS CASADOS — H. Balzac		1\$000
QUE E' A TERRA? — Guerra Junqueiro		1\$000
ENTREVISTA AMOROSA		1\$000
ARTE DE SE FAZER AMAR — por Mme. X.		500
A CEIA DE CLEOPATRA		200
O BANHO DE ADELINA		200

PELO CORREIO MAIS 500 rs. SOBRE OS PREÇOS MARCADOS
NOVIDADES POR TODOS OS VAPORES. — REVISTAS, JORNAES E ROMANCES DE TODOS OS GENEROS
VENDE-SE NUMEROS ATRAZADOS D' «A MAÇÃ»



Ciume

O illustre medico, proprietario de um grande estabelecimento hospitalar, é ciumento como Othello. Nos bailes a que vae, tira uma senhora, ou uma senhorita, e sae dançando regularmente. Si, porém, vê que a esposa, senhora distinctissima, sahiu dançando tambem, atrapalha-se, perde o passo, e principia a pisar a sua dama.

— Você, fulana, — dizia á illustre senhora uma das suas amigas, — você não deve dançar.

E mostrando os sapatinhos amarrotados:

— Porque, você dança, e nós, que dançamos com o seu marido, é que somos prejudicadas!

RIPPE? Drogaria Werneck
GRIPPOSANOL



OS CONTOS DO CONSELHEIRO

O HOMEM FELIZ

O Rei Athanasio I, da Sudolandia, arrancava os ultimos cabellos, desesperado com os successivos desastres dos seus exercitos, quando o velho astrologo Nathaniel, após uma consulta ás estrellas silenciosas, lhe declarou, solemne :

— Vossa Magestade pôde ser feliz, meu Senhor, á superficie da terra. As legiões de Vossa Magestade derrotarão o inimigo e assegurarão o throno. Outras venturas pairarão sobre a casa real, que terá um herdeiro. Para isso é preciso, porém, que Vossa Magestade vista a camisa de um homem feliz.

Pedidos novos esclarecimentos, o mago adeantou que essa peça de vestuario devia ser arrancada ao felizardo no instante, mesmo, em que elle se considerasse venturoso. Ella devia trazer essa virtude, recebida na occasião. Do contrario, o remedio seria inutil.

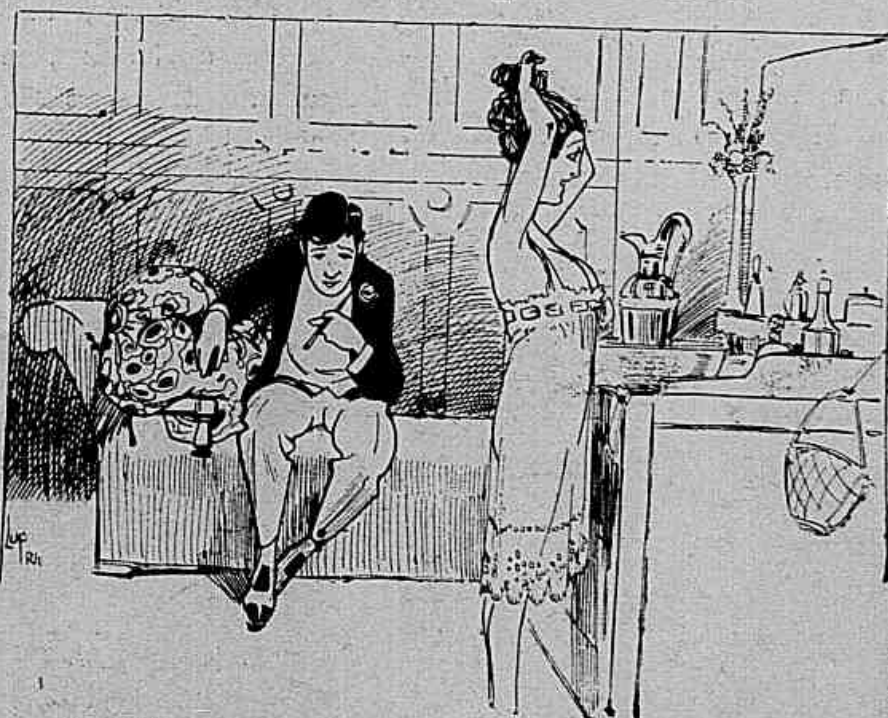
A datar desse dia, começou, no reino, um formidavel movimento de pesquisas. Centenas de emissarios foram despacha-

dos em todas as direcções, para todas as cidades e aldeias, á procura do homem maravilhoso. Ordens, as mais severas, fôram expedidas, tornando obrigatoria a denuncia, logo que algum subdito tivesse noticia, mesmo vaga, da existencia de um individuo absolutamente satisfeito da vida. E cada dia que se passava, era uma decepção nova, para o desventurado monarcha da Sudolandia.

Convencidos de que os homens felizes do seu reino encobriam, por calculo, a propria felicidade, mandou Athanasio I que fosse offerecido um premio vultuosissimo áquelle que descobrisse um individuo integralmente venturoso. E como o resultado fôsse, ainda, negativo, ordenou a organização de ciladas intelligentes, que surprehendessem o individuo procurado.

Não houve mais um lar, uma alcova, um lugar secreto, que não tivesse a presença de um espião. Creou-se para

Torcendo o proverbio



— Por que estás tão impressionado, filho? Tu viste o Antunes sair d'aqui?

— Ver, não vi, não.

— Então? Quem não vê é como quem não sabe!

Quarta-feira, dia 11



Serra em Lagoa

NO CINE PALAIS



O exemplo do pae

A Companhia do «Ba-ta-clan», de Paris, estava no Rio ha mais de quinze dias, quando o Lauro pediu ao desembargador Ananias :

— Papae, deixa-me ir a essa companhia... Sim ?

O Lauro andava pelos dezeseis annos e fôra creado, sempre, no seio da familia. De uma seriedade acima de toda a suspeita, Dona Hermelinda ministrava ao filho uma educação rigida, severa, puramente christã. E foi por isso que, ao ter noticia do desejo do rapaz, protestara, logo :

— Que loucura, Lalá ! Que idéa essa !...

O commendador sahira, porém, em soccorro do filho :

— Loucura, por que ? O Lalá não é, então, um homem ? Depois, não se trata de uma cousa que não se possa ver. Dezenas de familias têm ido lá, sem quebra de dignidade nem risco de peccado.

E concluiu :

— Para maior segurança, eu posso, mesmo, acompanhá-lo.

— Tu ? — estranhou Dona Hermelinda.

— E por que não ? Não é justo que um pae acompanhe o seu filho inexperiente a um lugar em que a mãe divisa um perigo ?

E deliberado :

— O meu filho vae, e eu vou... para defender meu filho !

Na noite seguinte, ás oito e meia, davam entrada no Lyrico, devilmente mettidos nos respectivos «smokings», o desembargador Ananias e o filho do seu coração. Entraram desconfiados, mas logo se tranquillizaram, ao ver na platéa muitas senhoras, e, entre os cavalheiros, varios senadores, deputados, ministros de Estado, ministros do Supremo, enfim, pessoas cuja presença constituia uma segurança de ordem, de honestidade, e de respeito. E examinavam, os dois, aquella brilhante assem-

bléa mundana, quando o panno subiu, apresentando aos olhos da platéa um conjunto feminino verdadeiramente entontecedor.

Cabeça erguida, bocca entreaberta, pae e filho examinavam, embevecidos, a plastica das coristas, Pintadas da cabeça aos pés, não pareciam mulheres : pareciam bonecas, mas bonecas vivas, palpitantes, movimentadas. Pernas, braços, collo, ventre, era tudo côr de rosa. E coroando aquellas cabecitas graciosas, aquelles rostos ornados pela boquita vermelha, o incendio dourado dos cabellos !

Vendo o pae tão embebido na contemplação das raparigas, o Lauro achou que era chegado o momento : mergulhou a mão no bolso da capa que trazia ao braço, arrancou de lá o seu binoculo de theatro, e assestou-o, resolutamente, para o palco. Embriagado de carne, o commendador não deu, logo, pelo movimento do rapaz : ao voltar, porém, o rosto, não se conteve.

— Lauro, que é isso ? Que sencerimonia é essa ? Você não tem vergonha ? não se satisfaz em vêr essas mulheres de longe ?

E severo :

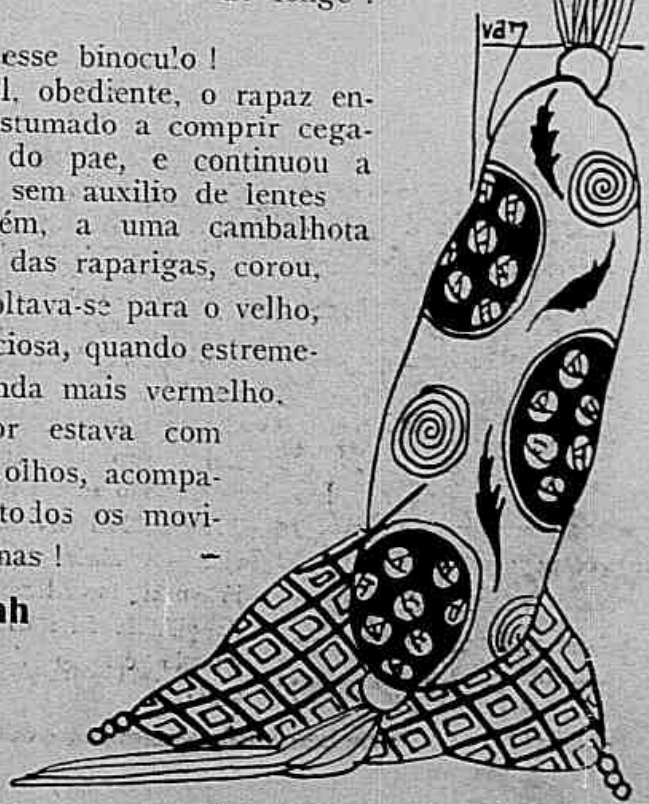
— Entregue-me esse binoculo !

Humilde, infantil, obediente, o rapaz entregou. Estava acostumado a cumprir cegamente as ordens do pae, e continuou a olhar as mulheres, sem auxilio de lentes.

De subito, porém, a uma cambalhota mais forte de uma das raparigas, corou, envergonhado. E voltava-se para o velho, numa consulta silenciosa, quando estremeceu, tornando-se ainda mais vermelho.

O desembargador estava com o seu binoculo nos olhos, acompanhando, deliciado, todos os movimentos das dançarinas !

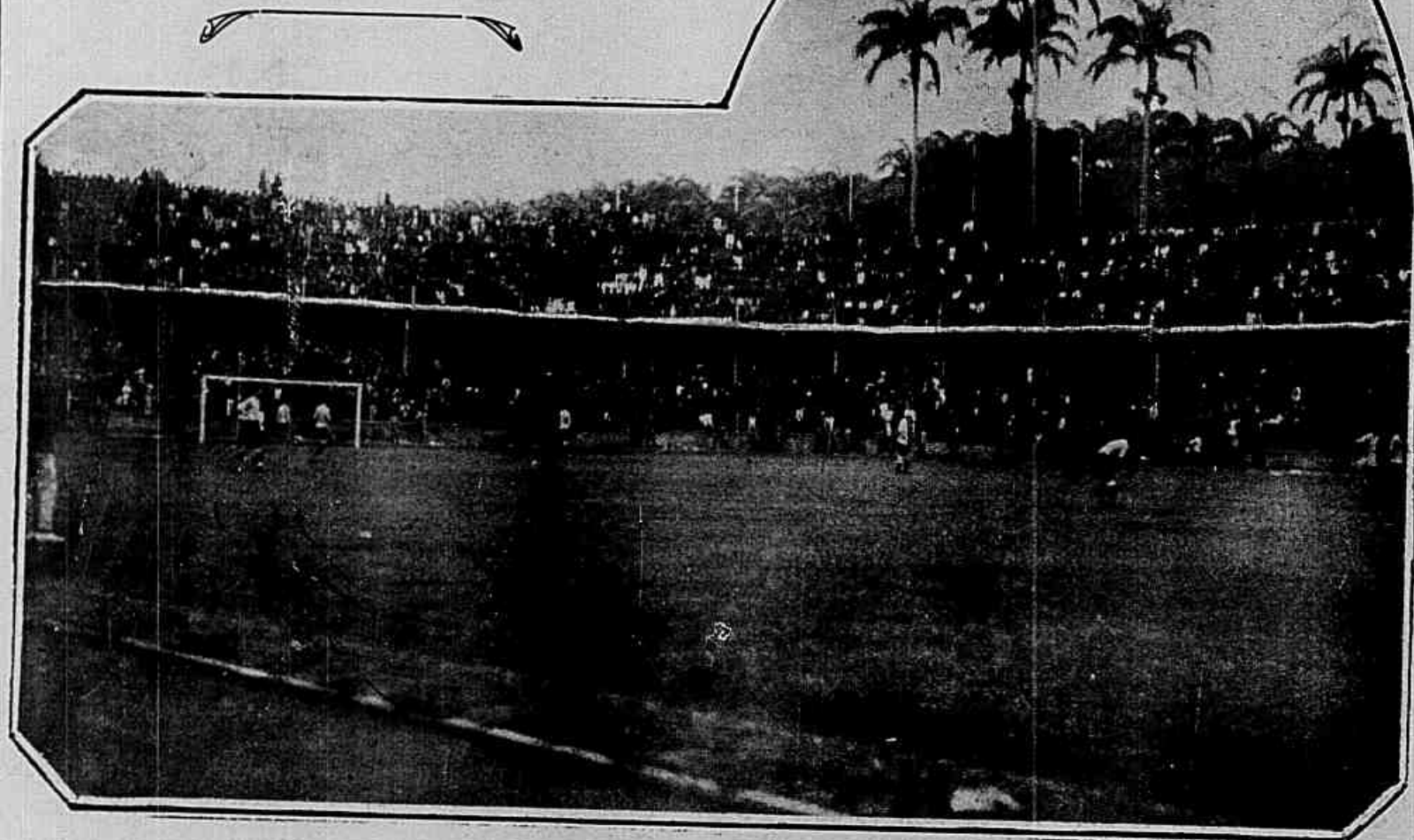
Batu Allah



OS JOGOS DA SEMANA

Brasil - Uruguay

Aspecto do jogo e da assistencia no encontro de 1 do corrente.



isso uma legião especial, ajudada por uma legislação de emergencia, que tudo justificava. E mal foi ella posta em vigor, quando começaram a chegar ao palacio do Rei centenas de cavalleiros apressados, oriundos das partes mais diversas do reino. E o monarcha principiou a ouvil-os.

— Eu encontrei — diziam, — o homem que Vossa Magestade procura !

E contavam o caso, como havia sido. Cada um d'elles estava escondido num armario, atraz de uma cortina, ou no vão de uma porta, quando ouvira um gemido de satisfacção. «Como eu sou feliz, meu Deus !» exclamava alguém, na alcova. A essas vozes, o narrador comprehendera,

de prompto, haver chegado o momento propicio. Aquelle era o homem procura-lo, e a sua camisa ia valer, de subito, uma fortuna.

— E a camisa ? — indagou o soberano, de repente.

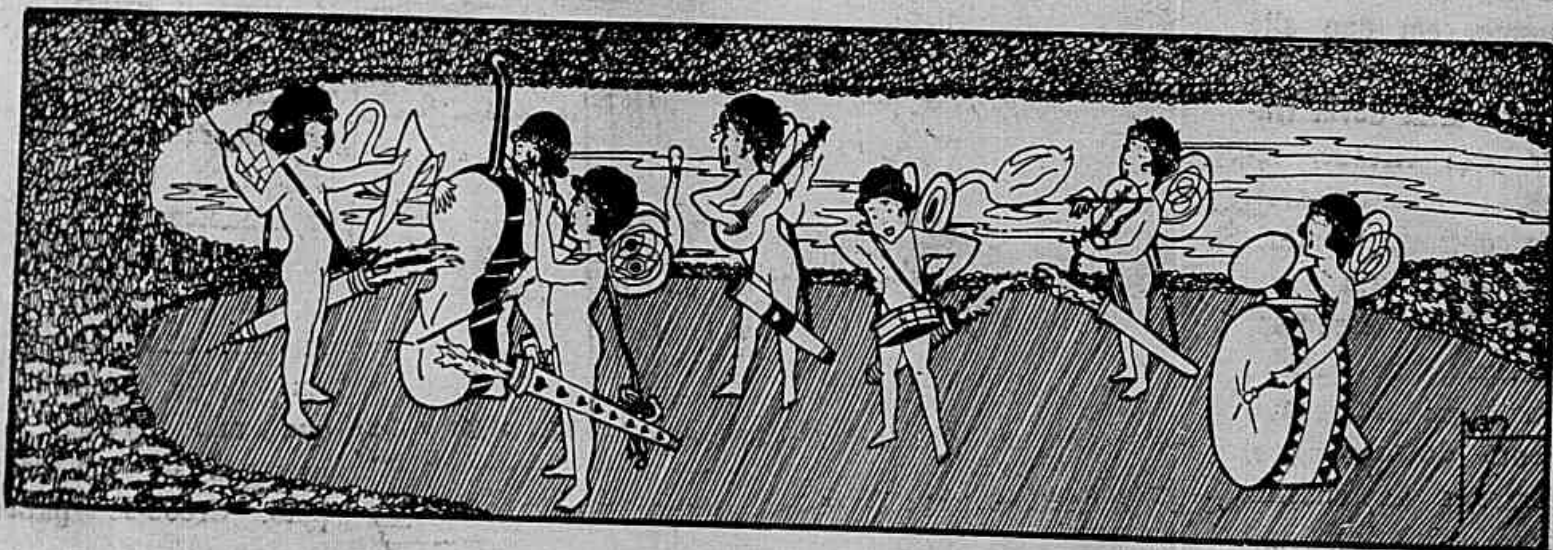
— A camisa, meu senhor ? — titubeavam, cada um por sua vez. — Camisa, o homem não tinha !

E de olhos baixos, numa grande verdade :

— Porque os homens, meu senhor, só abrem a bocca para dizer que são felizes, quando estão sem camisa !

E entreolharam-se, maliciosos.

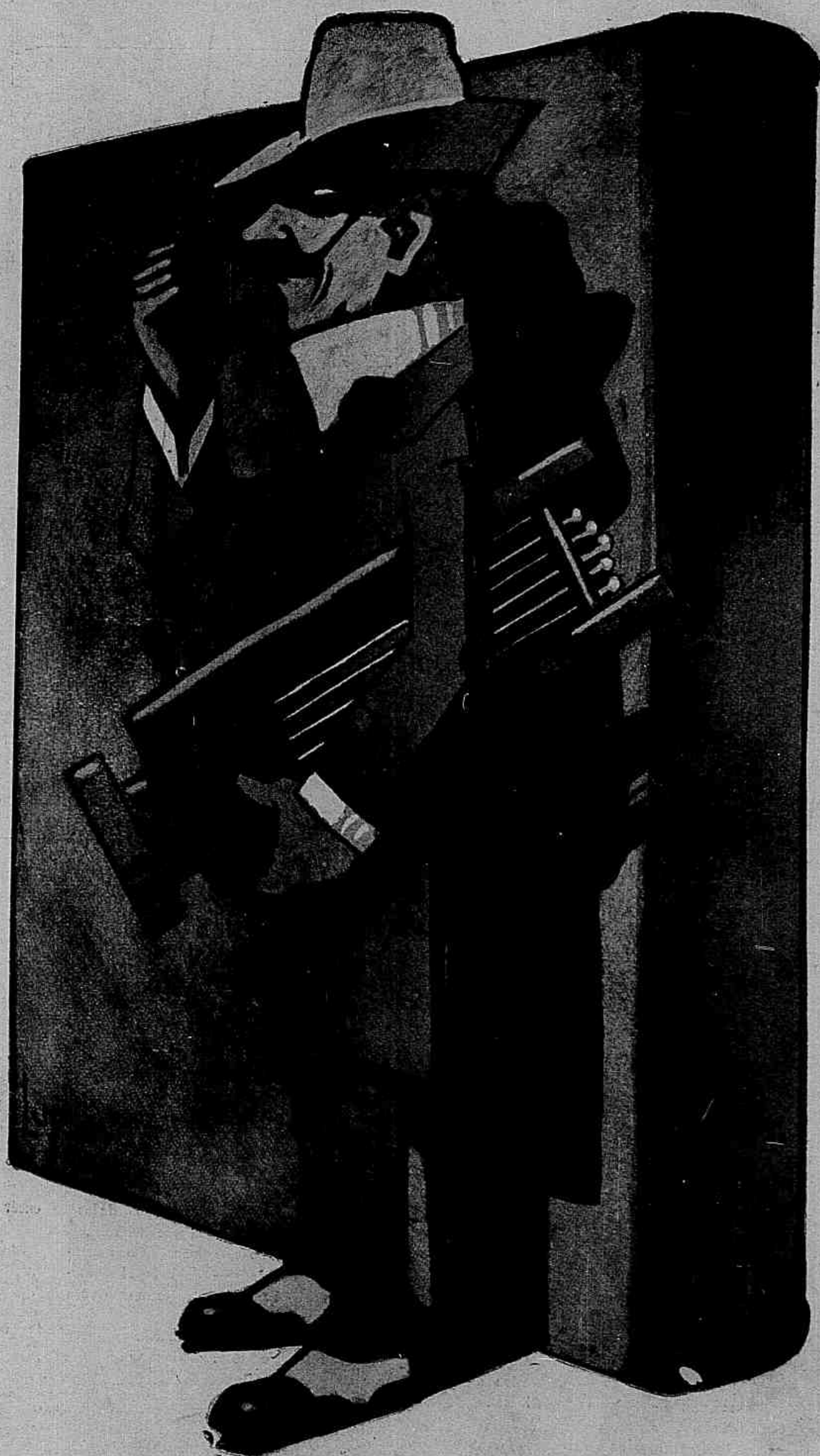
X. X.



7 de Outubro de 1922

A MAÇA

FIGURAS PROMISSORIAS
(HOMENS DE LETRAS)



ALBERTO DE OLIVEIRA

FIGURAS PROMISSORIAS

Alberto de Oliveira



Em uma fazenda de café e gado, nas proximidades de Saquarema, no Estado do Rio, vivia, por volta de 1870, uma família de lavradores, composta de marido, mulher, e oito ou dez filhos, dos quaes seis, ou sete, varões. Se o fazendeiro era trabalhador, e a fazendeira virtuosa e santa, primavam os rapazes pela robustez phisica e pela integridade moral. Altos, bonitos, espadaudos, ninguém os via em festas ou em rixas. Trabalhavam com o velho, fiscalizavam a propriedade, e, se tinham amores, era com as meninas das redondezas, que, em visitas de família, iam, alli, verificar as possibilidades de um

casamento.

Ao fim de alguns annos de actividade honesta, morreu o velho. Tentados pela cidade, fizeram os rapazes a partilha dos bens, vindo, tres ou quatro d'elles, estabelecer-se em Nictheroy, em um sobradinho em frente á estação das barcas. E entre elles estava Antonio Alberto Marianno de Oliveira, cuja maior ambição consistia, então, em tirar o diploma de pharmaceutico, e montar uma pharmacia no largo da matriz, em Itaborahy.

Com o quartel-general em Nictheroy, a família tomou diversos destinos. Um dos irmãos quiz ser bacharel, matriculou-se, formou-se. Outro tentou a medicina. Outros empregaram-se em repartições do governo, enveredando pela burocracia. Alberto limitou-se ao estudo da chimica e da botanica, na qual incluía as mulheres, como flores, que eram, da vida e da criação.

Por esse tempo, havia, entre os irmãos, um poeta. Era Alfredo Marianno. Companheiro de casa de Alberto, este o via passar noites e noites á mesa do trabalho, a mão esquerda mergulhada nos cabellos, a direita batucando na mesa, contando as syllabas dos alexandrinos.

— Este acaba no hospicio! — pensava o estudante de pharmacia, ao ver a tortura do irmão.

E meditava, penalizado:

— Fazer versos... Para que?

Certo domingo, na monotonia da velha Nictheroy, estava Alberto sem a menor occupação quando resolveu pregar uma peça ao poeta da família. Recolheu-se ao seu quarto, apanhou um almanack, folheou-o, escolheu um soneto, — que, por signal era de Gonçalves Crespo, então quasi desconhecido, — e copiou-o, alterando-lhe algumas palavras e

quebrando-lhe, consequentemente, alguns versos. Feito isso, procurou o irmão.

— Sabes? fiz um soneto.

— Um soneto? — estranhou o outro. — Deixa-me ver-o.

Alfredo abriu a folha de almanack, leu e releu os decasyllabos, concluindo, severo:

— Está bom. A idéa é até bonita. E' pena que tenha quatro versos errados... Deixa isso commigo; sim?

Como o soneto não era seu, Alberto Marianno não teve duvida em abrir mão d'elle. E já nem se lembrava mais da pilheria feita com o irmão, quando este o chamou, uma tarde.

— Lembras-te d'aquelle teu soneto?

— Que soneto?

— Aquelle, que tu fizeste.

— Ahn! Sci.

— Eu o concertei, puz o teu nome por baixo, e mandei para um jornal de Campos, de que sou correspondente.

E entregando-lhe o jornalsinho:

— A redacção publicou-o, com muitos elogios... Toma... Eu acho que deves continuar...

Alberto empallideceu. As mãos tremiam-lhe, na consciencia do crime commettido. Havia estreado com um plagio, praticando um furto, que seria, talvez, descoberto... Que fazer, pois? Confessar ao irmão a pilheria que fizera, e pela qual acabava de ser punido? Estudante de pharmacia, chegou a pensar no suicidio, pelo envenenamento. Já pela madrugada, pulou da cama, com uma deliberação tomada:

— O meu dever, agora, é honrar a arte que profanei. Vou ser poeta!

E começou a fazer versos. Nesse mesmo dia fez dois sonetos. No dia seguinte fabricou sete. E como os mostrasse ao irmão Alfredo, este sacudia a cabeça, desolado:

— E' curioso! Estás dando para traz. O teu primeiro soneto, aquelle que eu publiquei em Campos, era muito melhor do que estes. E' preciso voltar ao que eras...

O estreado corava, na sua vergonha interior. E continuou. E de tal forma que, aos dezenove annos, dava ao prelo as «Canções romanticas», que mereceram de Theophilo Dias, então estudante em São Paulo, uma carta que era, positivamente, uma consagração. «As Canções romanticas», — dizia Theophilo, — constituem um livro de poesias lyricas cheias de animação, de entusiasmo, de frescura juvenis, de uma ejaculação tão franca e espontanea, que seria irrisorio censural-o por esse lado.

A victoria de Alberto foi retumbante. Meticuloso e sensato, não se embriagou com os louvores, com os applausos, com as ovações recebidas. Concluiu o seu curso de pharmacia. Fugiu ás «cotteries», ás rodas bohemias, aos circulos de elogio mutuo, que comprometiam a mocidade da epoca. Nas festas literarias, era o unico que não bebia. E essa attitude emprestava-lhe um prestigio, uma consideração, um apreço, como os não tinha nenhum dos rapazes da geração.

Foi por esse tempo que Alberto de Oliveira conheceu Olavo Bilac. Apresentados um ao outro na rua do Ouvidor, Bilac mostrou-lhe o seu primeiro soneto.

— Esses versos são seus mesmos? — indagou Alberto, lembrando-se da pilheria que pregara ao irmão.

— Juro-lhe que é meu!

— Então, venha cá. Vamos á «Gazeta». Vou apresental-o ao Ferreira de Araujo.

E, no dia seguinte, estampava a «Gazeta de Noticias», em lo-



O humorismo nos Estados

(Parana)

PÉTALAS

O baile corria animadamente.

Alguns pares cansados das dansas procuravam guarida no espaçoso varandim, que dizia para o pinturesco parque orgiacamente illuminado.

Ao canto esquerdo do terraço debruçou-se um parzinho encantador.

— Crê, ó minha amada, o amor que te voto é puro como a brancura límpida deste luar de inverno...

— Exaggerações...

E com essas e outras controversias futeis, adrede provadas pelos namorados, caíam na ampulheta, para elles desaparecerem, os grãos de areia do tempo.

Duas horas já da madrugada.

Agora, mais acalorados, mais aproximados pela mutua sympathia, confabu-

lavam secretamente, de mãos entrelaçadas.

— Não, querido...

— Ora, meu anjo, o beijo é a corrente que prende dois amantes; é o assucar que suavisa, que minora e extingue quasi os amargores do amor.

— Não, eu tenho medo.

— Medo? O medo é a duvida; a duvida é o crime; o crime é o odio e o odio... mata.

— O amor tambem...

— Quando não é beijado pelos sópros do beijo...

— Escuta, querido, o amor eu idealiso como si fôra uma flor, a rosa por exemplo, que a mulher pelos encantos da sua graça faz desabrochar delicadamente no coração do homem. Ao sopro do zéphyro, o mais suave, a rosa lenta e lenta se vae despetalando. O beijo é como o zéphyro que pouco a pouco arranca docemente as pétalas á rosa do amor. E depois, quando todas as pétalas tiverem tombado, que resta da rosa, que resta do amor?

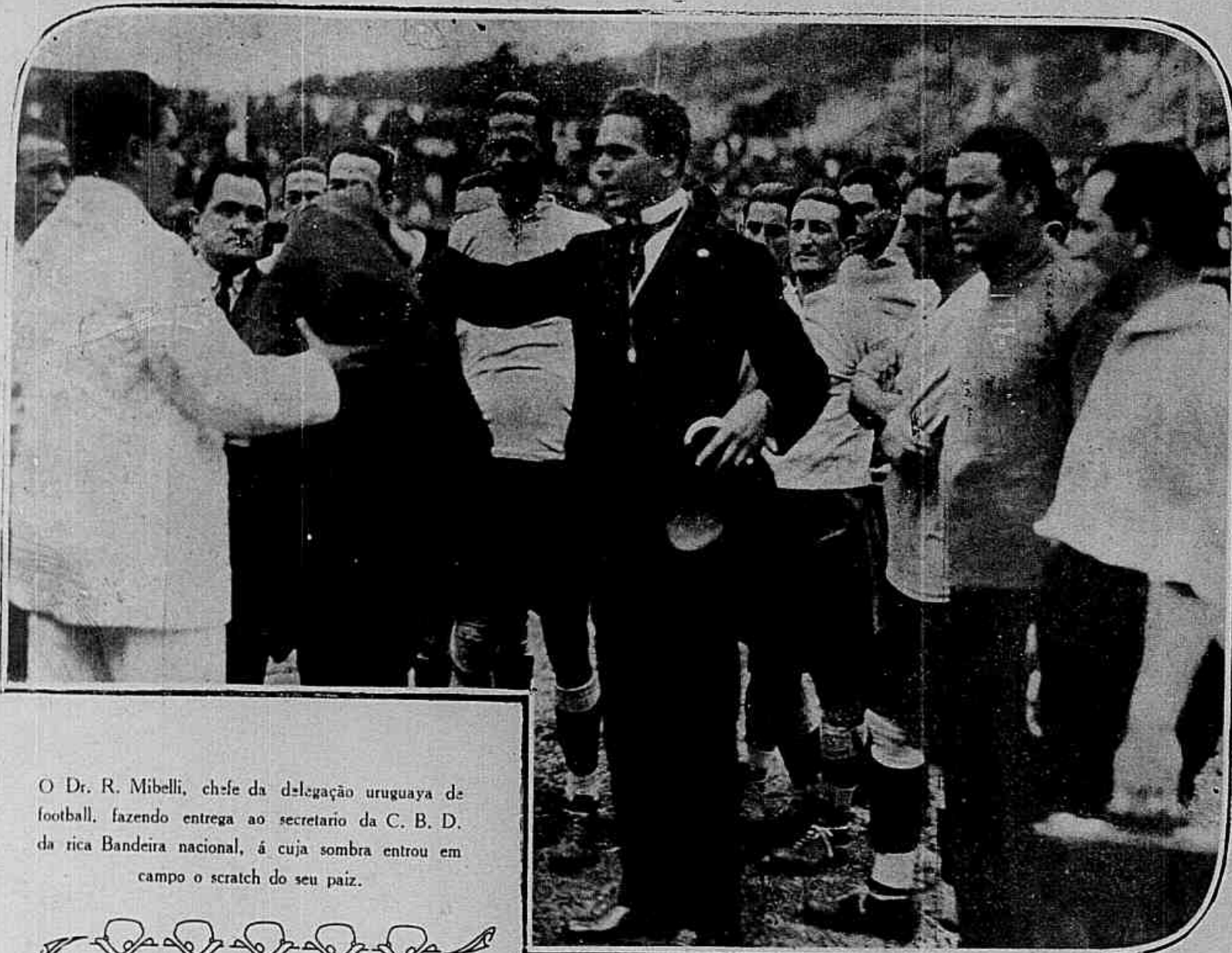
O namorado vacillou a princípio, mas em seguida proferiu promptamente:

— Resta o talinho, querida...

Laertes Munhoz



Campeonato Sul-Americano



O Dr. R. Mibelli, chefe da delegação uruguaya de football, fazendo entrega ao secretario da C. B. D. da rica Bandeira nacional, á cuja sombra entrou em campo o scratch do seu paiz.

(Cont. de Alberto de Oliveira)

gar de destaque, o «Incendio de Roma», primeiro soneto de Bilac que conseguia a honra da publicidade.

Equilibrado e estudioso, Alberto conquistou, pouco a pouco, uma situação excepcional. Nomeado director da Instrução publica em Nictheroy, dedicou-se ao estudo da lingua e dos classicos, especializando-se na exumação dos nossos poetas antigos. Publicou novos livros de versos, numa continuidade benedictina. E era ainda solteiro aos quarenta annos, quando escreveu a «Camisa de Olga» e outras peças cheirando a peccado, incluídas, hoje, em nossas anthologias anacreonticas.

A característica da poesia e da pessoa de Alberto de Oliveira é, entretanto, a serenidade. Nenhum poeta levou tão longe, quanto elle, o culto do verso. Os seus ares são graves, austeros, sacerdotaes. Ao passar na rua, teso, firme, pausado, dá-nos a idéa de um padre que levasse nas mãos o pão espiritual.

— O Alberto nasceu embalsamado! — dizia José Verissimo, que tinha, aliás, por elle a maior das admirações.

E cada verso lembra o autor. Serenos, integros, sem uma falha, os seus alexandrinos atravessam os livros como o poeta atravessa as ruas.

— A poesia do Alberto — sentenciou alguem, uma vez, — é como o Alberto.

E definindo a sentença:

— E' de cimento armado!

Ninguém, entretanto, elevou a poesia a maior perfeição, nem a cercou de mais alto

respeito. O verso, aos seus olhos, é uma hostia. Certa vez, ia Alberto em um bonde, quando entrou no vehiculo tomando logar a seu lado, Catullo da Paixão Cearense, que era, por esse tempo, um simples fazedor de modinhas.

— Bom dia, collega! — saudou Catullo, batendo-lhe no hombro.

Alberto voltou-se para elle, grave, solemne, quasi funebre, estranhando o tratamento. E olhando-o, magestoso, dos pés á cabeça:

— O senhor tambem é pharmaceutico?

A phisionomia moral de Alberto de Oliveira é um desdobramento do seu verso, da sua pessoa. Conta Goulart de Andrade que o grande mestre, quando entra no «São Paulo», ou no «Java» põe no pires, primeiro, duas colheradas de assucar, que humedece com uma colheradinha de café. Feito isso, molha na calda a ponta dos dedos, e encéra, com ella, o seu lindo bigode negro.

— Alberto, — conclue, sempre, o romanista da «Assumpção», — é, todo elle, moral, phisica e literariamente, como o seu bigode.

E esclarece, com enthusiasmo:

— E' doce, e teso!

Rodin



Noite de viagem

Os Contos do Almirante

O nocturno paulista corria desabaladamente sobre os trilhos no rumo do Rio, quando, pela altura de São José

dos Campos, os passageiros começaram a procurar as cabines. Nos grupos que se formavam nos wagons, de vez em quando um cavalheiro se levantava, saudando, em despedida:

— Bom, então, até amanhã.

— Boa noite, commendador! — correspondiam os companheiros de viagem. — Até amanhã.

Entre os agrupamentos que a ocasião determinara, havia aquelle do terceiro carro, formado pelo Pedro Barata, a senhora, o Arthur Meyer, o Antunes Bastos, e dois ou tres fazendeiros de Ribeirão Preto, que vinham ver a Exposição. Era um grupo alegre, jovial, movimentado, em que se tratava de politica, de commercio, de casos particulares, de safra de café; uma dessas rodas, em summa, em que cada um dos componentes tem uma vida inteira para contar aos outros.

A presença, em um dos bancos, de Rosetta Barata, impedia, apenas, a narração de aneddotas picantes. Com a sua pallidez de madona, os seus dentes muito brancos, a sua bocca muito vermelha, a sua pelle muito lisa, a formosissima senhora se impunha, realmente, ao respeito geral. Uma candura doce, uma innocencia suave, um tom de pureza indefinivel, irradiavam de toda a sua pessoa, cercando-a de sympathia. E de tal maneira que o Antunes Bastos, caixeiro viajante da casa Ramos Boddallo, não tirava os olhos de cima da sua figura angelica e terna, como se a moça fosse um sorvete saboroso que elle tivesse de beber, sequioso, com as duas boccas das orbitas.

Por volta das onze e meia, o grupo se dissolveu. Os que tinham cabine para dormir, encaminharam-se para o respectivo carro; outros accommodaram-se nos bancos, recostando o corpo no espaldar, procurando conciliar o somno, até de manhã. E d'este numero foi o Antunes Bastos, que viu, com os olhos compridos, longos, estirados, o vulto soberbo de Rosetta ondular e desaparecer ao longe, na pequena porta do carro-dormitorio.

Aquelle encontro havia sido, para o rapaz, motivo de tormento. Debalde, de olhos fechados, procurava adormecer; o vulto da rapariga formava-se, de subito, na meia-claridade do wagon, estendia-lhe os braços, e caminhava, sorcindo, leve, etherea, no seu rumo. Elle erguia as mãos, para alcançal-a.

A visão esboçava, porém, um sorriso de anjo, e desaparecia, de novo, na

noite misteriosa, cortada, apenas, pelo baruího soturno da machina.

— Que diacho!... — exclamava o caixeiro viajante, passando as mãos pelos olhos.

E examinando o relógio de algibeira:

— São quasi duas horas, e eu não consigo dormir!

Às duas e meia, não podendo mais conter-se, tomou o Antunes Bastos uma resolução desesperada: poz-se de pé, de um salto, passou a mão pelos cabellos e tomou, resolute, o rumo do carro dormitorio. À porta, o guarda coxilava, oscillando a cabeça. Passou sem ser incommodado e, no meio do corredor, ao lado dos quaes se alinhavam os leitos, parou, imaginando qual d'aquellas cortinas vermelhas esconderia, naquele momento, o corpo maravilhoso de Rosetta. Elle sabia que o casal tinha duas cabines, a 19 e a 27. Em qual das duas estaria, porém, a creatura que o perturbava?

— Deve ser na 19! — disse, mergulhando a mão, pelo lado do reposteiro.

Tacteando docemente, os dedos do rapaz alcançaram um braço. Atariciaram-n'o, e iam proseguir, quando o Antunes percebeu um estremecção, e apparecer, entre os dois pannos da cortina, a cabeça despenteada e somnolenta do Barata.

— Que é? Que é? — indagava este, estremunhado.

O Antunes recuou, espavorido, a lingua presa, os olhos fora das orbitas. E ia correr, pular na estrada, espatifar-se, talvez, nas rodas do trem, quando o Barata, comprehendendo tudo, estirou o dedo no rumo da outra cabine, indicando, num sussurro:

— E' ali, na 27...

E mergulhou, de novo, por traz da cortina.

Almirante Justino Ribas

Fome elegante

Às cinco em ponto, a illustre senhora, esposa de um homem nctavel, chegou, s sinha, á Colombo e pediu:

— Chá.

— Com torradas de queijo? Indagou o garçon.

— Uma e m que fo, cutra sem queijo, uns «brioches», sandwiches, doces secos, e alguns de creme, se houver.

O garçon sorriu, atrapalhado. E estendendo o braço para a vizinhança:

— Madame enganou-se. A pensão é aqui junto...

Sigo

NEM VOANDO!



— E' tolice, filha; por mais que as mulheres tenham azas, estarão, sempre, abaixo do homem!

DO CENTENARIO (INTERNACIONAIS)

A EQUIPE PARAGUAYA



Veem-se na gravura: Denis, Mena, Paredes, Roque, Solich, Benitez, Luciano, Ramirez, Lopez (cap.) Rivas e Enrique.

NISTA



comprei um, mandei desmontá-lo, adaptando-o a uma caixa nova, que coubesse debaixo do divan. A montagem ali foi feita de tal forma, que, assim que a pessoa se sentava, o piano gemia uma nota, que se desdobrava em outras, de acordo com os movimentos que a gente fazia. Para um maestro, não podia haver melhor surpresa; não é?

A outra confirmou, e Maria Sára continuou:

— A começar d'esse dia, a nossa vida tem sido uma verdadeira lua de mel. Assim que o Costa Castro se senta no divan, este solta um grito, um gemido, um som qualquer. E é assim que vivemos, entre beijos de perfeita felicidade.

— Como foi que vocês começaram? — indagou, curiosa, a Lili Sobral.

— Começamos como sempre se começa, — objectou a narradora. — As nossas primeiras entrevistas apaixonadas foram, musicalmente falando, verdadeiros exercícios de agilidade. Eram notas perdidas, experiências que não passavam de experiências.

— E agora, quando vocês se sentam no divan, que é que geme o piano?

A rapariga ficou vermelha, quasi róxa. Mas, confessou:

— Agora? Agora, nós estamos tocando Wagner!

E fez um gesto, que era, todo elle, uma symphonia de movimentos.



CAMPEONATO

(OS JOGOS INT)

A EQUIPE ARGENTINA



Vendo-se na gravura: Tesoriere, A. Celli (cap.) Castoldi, Solari, Delavalle, Chambrolin, Libonatti, Chiessa, Gastlini, E. Celli e Francia.

A PIA

A encantadora Maria Sára andava cançada de tanto amor sem beleza, sem perfume, sem poesia, quando confessou, uma tarde, á sua inseparável companheira, a loura Lili Sobral:

— Sabes de uma cousa, filha? Eu queria me apaixonar por um poeta, por um pintor, por um musico, por um homem, finalmente, que me desse emoções novas, de espirito e de coração. Estou fatigada de millionarios imbecis, cujo unico merecimento está no dinheiro. E'-me preciso um pouco de sonho!

— Por que não tentas o Costa Castro?

— Que Costa Castro?

— O pianista; aquelle que te fez tantos elogios no baile dos Ma-

duleira.

D'aquelle dia em diante ficou resolvido que a Maria Sára tentasse o conhecido maestro, armando-lhe ciladas intelligentes. E de tal modo procedeu que, um mez depois, cahia um nos braços do outro, jurando-se um amor eterno, ajudado por uma fidelidade absoluta.

— Sinto-me, enfim, completamente satisfeita, Lili! O Costa Castro é um encanto, e eu faço tudo para que elle viva contente.

Segurou a amiga pelos hombros, e contou-lhe:

— Sabes o que eu fiz, em homenagem a elle? A casa Arthur Napoleão havia recebido uns pianos pequeninos, quando eu tive uma idéa:



A SOGRA



Durante dezeseis annos de casamento, o Anatolio Pinto Madeira não entrara uma só vez em casa sem encontrar, á porta do corredor, a figura formidável da sogra. Vasta, enorme, pachidermica, a poderosa senhora o esperava alli, todas as noites, as mãos nas cadeiras, um sorriso de ironia ao canto da bocca, e, na ponta da lingua, a indefectível interpegação desafiadora:

— Sim, senhor, senhor meu genro! Bôas horas!

E balançando todo o corpo, como um patacho seguro á boia:

— Bôas horas!...

Dentes cerrados, testa franzida, o Anatolio avançava, resoluto. A velha deixava-o passar, fechava a porta, e, mal o sentia preso, desandava-lhe a mais atrevida descompostura do quarto.

— E dizer-se — clamava — que eu dei minha filha a um devasso! Uma pobre mãe dá ao mundo um anjo, sustenta-o com o leite dos seus peitos, embala-o nos seus braços, educa-o carinhosamente, durante annos e annos. E entrega-o a um barbaro, a um tyranno, a um miseravel d'este calibre, que sae ás oito da manhã, entra para almoçar, e afasta-se outra vez, para regressar ás sete da noite!...

E batendo na perna, com estrondo:

— Mi... se... ra... vell...

Por mais de uma vez o Anatolio pensou em acabar com aquella situação. A principio, ideou a aquisição de um cachorro doente, que morder-se a velha, innoculando-lhe o germen da raiva. Fez isso, e foi uma decepção: o cachorro peiorou, morreu, e a velha não teve nada. De outra feita, poz arsenico, em dóse

enorme, no prato da megera. E o resultado foi um accrescimo de appetite, que lhe redundou em nova despeza.

Foi por essa ocasião que, em conversa com um parente seu, funcionario da Central do Brasil, este lembrou ao Madeira, arrastando-o para um canto da janella:

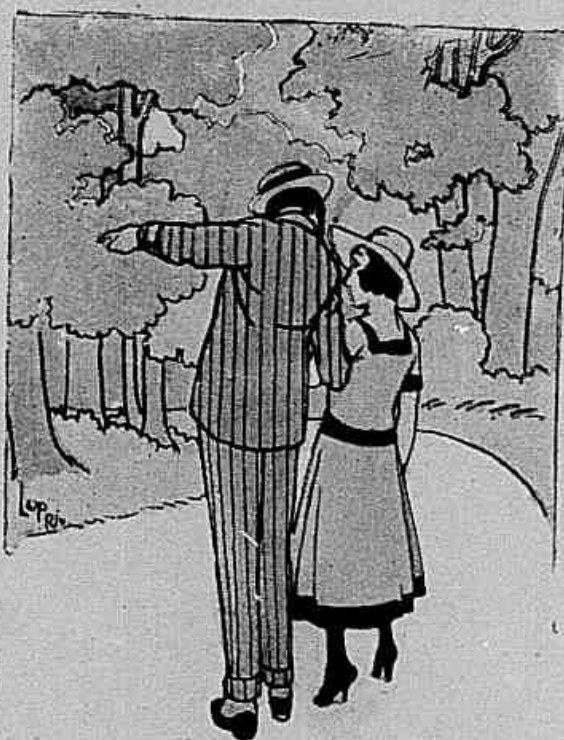
— Por que você não faz uma viagem de trem, e não atira a velha pela portinhola?

Anatolio arreganhou os olhos, como um homem que acabasse de tirar na loteria os cinco mil contos da Cruz Vermelha.

— Sim, — tornou o outro. — Nós poderíamos entrar em accordo, para que tudo sabisse a contento.

E explicou:

Indicador... carioca



— A minha casa é alli. Quando precisares de protecção, vae lá...

— Você convidaria a sua sogra para ir á Barra do Pirahy, a Mendes, a qualquer parte da estrada de ferro, em summa. Eu arranjaría um carro especial para vocês dois, e, quando o carro passasse pelo atêrro que ha depois da estação de Belém, você daria um tranco na velha, lançando-a ao fundo do precipicio.

— E se ella não morrer? — indagou, pallido, o Anatolio.

— Morrer, isso, morre, — garantiu o outro. — Morre, porque eu estarei no fundo do valle, para acabar com ella a cacete!

Na noite aprasada, após a partida do carro em que se devia dar o crime covarde mas necessario, estava o parente do Anatolio no lugar combinado, quando o trem passou em cima, todo illuminado, resfolegando. De subito, viu elle um volume atirado pela portinhola do ultimo carro, e esperou, em baixo, o cacete prompto para a bancada. O corpo cahiu na ribanceira, e vinha rolando, rolando, rolando... O cumplice levantou a tatabuja, prompto para descarregar-a, quando ouviu um grito.

— Perdão!... Misericordia!...

Abaixou-se, e recuou.

Era o Anatolio.

Simão Quarenta

As cumplices

Aquelle conhecido professor da Faculdade de Medicina, apparecera no Municipal com o proposito de impressionar as mulheres. Cabeça alta, cabel-leira grisalha, punha-se de pé

no meio das cadeiras, a mão no bolso da casaca.

— E' bem bonito! Não achas? — observou uma senhora, assestando a «lorgnette».

A amiga confirmou:

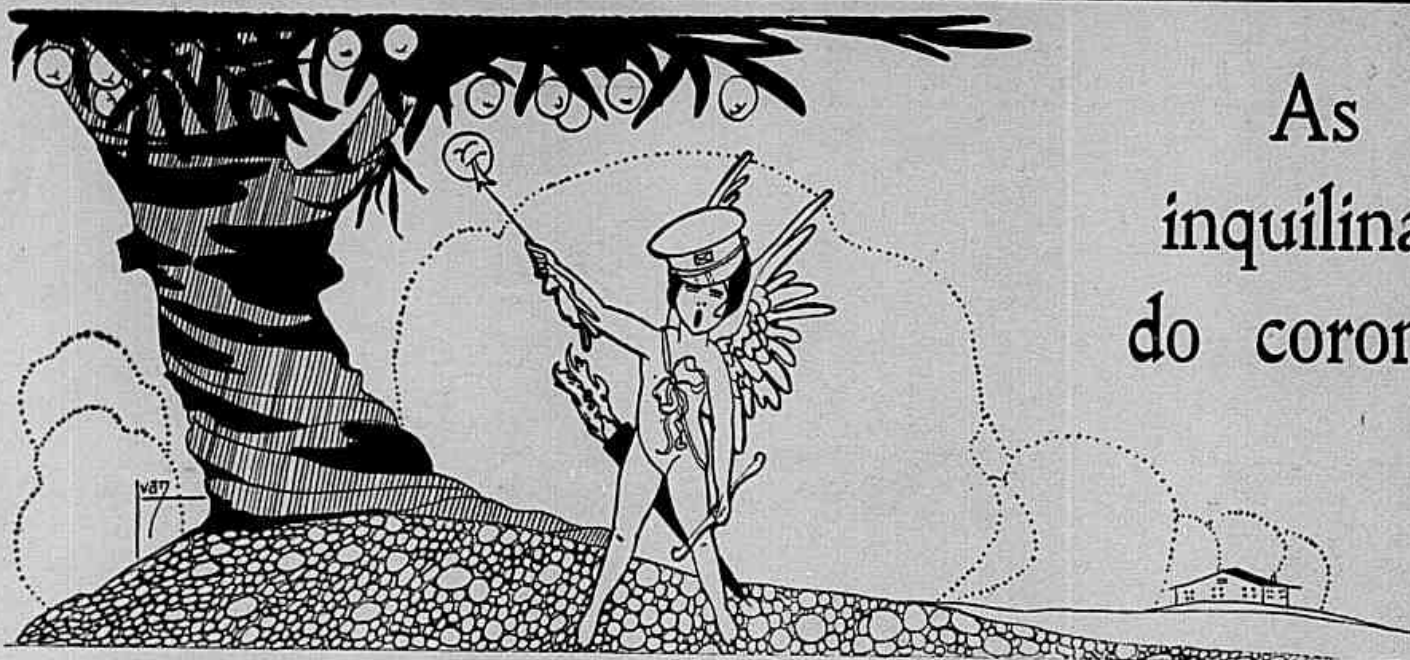
— E' um bonito homem. E parece que hoje vem resolvido a «flirtar».

E rindo, as duas:

— Então, vamos ajudal-o a enganar a mulher!

E ahi está porque o illustre professor foi tão olhado, ou, antes, tão provocado, na doçura d'aquella noite...





As inquilinas do coronel

Ha muito tempo os medicos vinham dizendo ao coronel Braz Cubas de Oliveira, o conhecido proprietario da casa de modas «Bogary Azul»;

— Dona Virgílinha não pôde passar o verão no Rio de Janeiro, e, principalmente, em Copacabana. A sua saúde reclama cuidados especiaes, clima especial, medicação especial. O melhor é, pois, o senhor alugar o palacete e ir passar uma temporada em Petropolis.

Ao coronel Braz, essa recommendação constituia um sacrificio. Os seus negocios não corriam favoraveis, com as oscillações constantes do cambio. Por outro lado, queria um bem enorme à sua casa de moradia, feita com grande carinho, mobiliada com o maior zelo, montada, enfim, como se se tratasse de preparal-a para um noivado. Se as suas finanças corressem prosperamente, fecharia o predio, até que pudessem regressar ao Rio; nas condições, porém, em que estavam as cousas, o remedio que tinha era alugar-o com todo o mobiliario, afim de pagar, as despesas da permanencia na serra. E foi deliberando assim que annunciou, nos jornaes diarios, a transferencia do palacete, com a mobilia, a louça, e todos os pertences, pelo praso de seis mezes.

Os candidatos não faltaram. O alugel não era exaggerado, e isso animava os pretendentes, entre os quizes o coronel preferiu Dona Adelaide Frochot, viuva franceza, tia de quatro moças solteiras, que constituíam, cizia ella, toda a sua familia.

— A senhora não tem merinos que me estraguem a casa ou os moveis? — indagou o commerciante, zeloso pelo que lhe pertencia.

— Absolutamente, coronel; absolutamente! — affirmou a velhota. — A minha sobrinha mais nova tem já dezoito annos. E nem ha probabilidade de que appareça alguma creança, porque as meninas são todas solteiras, e eu, além de viuva, estou, já, com cincoenta e oito annos!

Um mez após, a occupação do predio, chegou ao conhecimento do coronel Braz a noticia de que a sua casa de Copacabana não fechava as portas, dia e noite. As locatarias eram excessivamente joviaes, possuiam numerosos conhecimentos masculinos, o que revellava um comportamento pouco elogiavel, talvez, na intimidade. E tanto essas queixas se multiplicaram, que o proprietario foi fazer uma visita à sua propriedade, percorrendo, um por um, os compartimentos. A' sahida, observou:

— Estou sciente do que ha por aqui. A senhora faça o favor de desoccupar a casa, e mandar-me a chave.

— Eu, coronel? — estranhou a viuva. — Eu ainda tenho cinco mezes, pelo contracto. E ficarei aqui, até o fim do praso!

Estabelecida a divergencia entre inquilino e proprietario, foi a questão ter ao «fôro», onde o coronel teve de justificar o seu acto, reclamando a casa.

— Em que se funda o senhor, para despejar a occupante do predio? — indagou o juiz, a testa franzida.

— O não cumprimento do contracto, sr. doutor! — affirmou o coronel.

— Tem a occupante creanças em casa?

— Não, senhor, sr. doutor. Pelo contrario! Mas tem me estragado os moveis.

E firme, com a consciencia do seu direito:

— Eu aluguei a casa para as inquilinas gastarem as camas apenas de noite, quando fossem dormir. E, pelo que observei, ellas não tem occupação nenhuma, e passam na cama, dia e noite!

E ganhou a questão.

João Fortunato

Os vidros miraculosos

À rua da Quitanda, quasi á esquina da do Ouvidor, encontraram-se os dois velhos amigos.

— Por aqui?

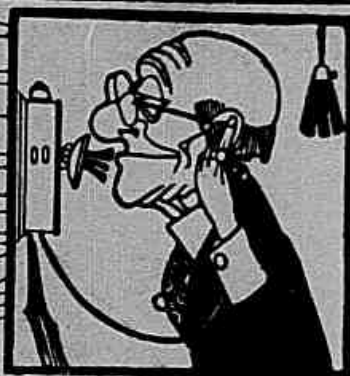
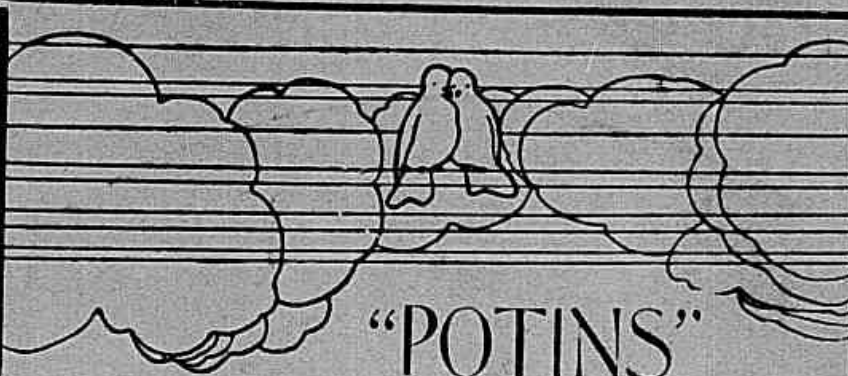
— E' verdade. E não ando com alegria, satisfeito da vida. Vejo tudo negro, diante de mim.

— Tú? E' porque tu o queres, filho!

— ?...

— Usa oculos ou «pince-nez» da «Optica», alli adeante, nesta rua mesmo, e tudo, para ti, mudará de aspecto. Os vidros de lá, são tão bons, que uma cedula de cinccenta mil réis, vista com elles, parece de quinhentos!...





A pulseira

O jovem medico, estimadissimo na sua classe, tem fama de irreductivel em materia de fidelidade conjugal. Ninguem lhe conhece um caso amoroso, ou, mesmo, um simples «flirt». E foi certa d'essas virtudes que uma das suas clientes mais ricas e mais gratas, querendo fazer-lhe um presente, lhe mandou anonymamente uma pulseira de brilhantes, de dois contos de reis.

— Certo, elle vae dar á esposa... — pensou a ofertante.

Passaram-se, porém, os dias. Uma tarde, estava a riquissima cliente no consultório do doutor, quando entrou uma outra senhora, cliente, também. Olharam-se, as duas, e a millionaria estremeceu.

No braço de uma das clientes afiscava, com todos os seus brilhantes, a pulseira offercida pela outra...

Os brasileiros em Paris :

Da «Potinière», do «Fantasio», de Paris:

La baronne de La X... est riche, sa mère est brésilienne, et son père a eu le bon goût de planter du café qui rapporte des sommes rondelettes.

Son mari est secrétaire d'ambassade à Paris, et il a besoin, hélas, d'un minimum de représentation; mais la baronne est si économe qu'elle lui accorde bien peu d'argent.

Il reçoit son argent de poche chaque matin, et en rend compte le soir. Bien que représentant d'un pays très important, on lui retourne ses faux cols et ses complets.

Quand des reproches sont faits à la stricte dame, elle répond:

— Je mérite au contraire d'être rangée dans les prodiges, chaque année je grossis mon collier.

Dernièrement sa belle-sœur lui procura une jeune institutrice pour sa fille,

«En êtes-vous contente? lui demanda-t-elle peu après.

— Oui, répondit la baronne, mais vous ne m'aviez pas dit qu'elle avait tant besoin de travailler. Je lui aurais

Louvre.

— E se o sr. Visconde vier?

— Que espere. Procura entretel-o. E se elle se aborrecer... que se vá embora!

Um sorriso discreto brilhou no rosto da creada.

— Não se inquiete, mademoiselle, — accentuou a rapariga. — Não se inquiete. O sr. visconde esperará.

E em voz mais baixa:

— Eu farei o possível para que elle não se aborreja!

Daniel Riche

(Da Academia Franceza)

donné trois francs de au lieu de cinq...»

Quem será?

O "soutien-gorge"

O conhecido representante da nação, notavel pela sua obesidade, foi, uma vez, visitar um amigo, victima do mesmo defeito, o qual lhe perguntou, mostrando-lhe uma cinta:

— Por que você não usa isto?

— Onde é que se compra? — indagou o congressista.

— Em qualquer casa de colletes para senhora, tem. E' só procurar.

No dia seguinte, o ilustre politico entrava em uma casa do genero, á rua Gonçalves Dias.

— Que é que o doutor dezeja? — indagou a dona do estabelecimento, accorrendo, solicita.

O politico perturbou-se. Não sabia o nome da objecto que ia comprar. De repente, porém, teve uma idéa. Sorriu, gentil, e indagou, passando a mão pelo ventre:

— A senhora tem «soutien-gorge»... para barriga?

Vaidade moderna

O ilustre politico, viuvo de pouco tempo, encontrou naquella deliciosa divorciadinha o consolo da sua solidão desesperadôra.

Homem de responsabilidade, o seu dezejo era, entretanto, que tudo corresse discretamente, e, mesmo, no meio do maior segredo.

Quem, no entanto, não está pelos autos, é a mãe da formosa divorciada. F' assim é que, ao encontrar um conhecido, uma pessoa com quem possa trocar duas palavras, vae, logo, informando:

— Fulana, felizmente, agora anda feliz; muito feliz! E ao ouvido de quem fala:

— Ella está, agora, com o dr. Fulano... Sabe?

E olha o ouvinte com vaidade, com orgulho, com superioridade, como quem diz:

— Que honra para a familia!...

Para molestias da Pelle



Dr. Eduardo Franca

ODORANS

Dentifricio medicinal, o unico que evita a carie e o mau halito.

Uma experiencia custa apenas: Liquido: 2\$500

Pasta: 2\$000

A venda em toda parte — Em São Paulo: Casa Lebre — Deposito geral: Casa Hermann, Rio.

Humoristas estrangeiros

A felicidade alheia

Manhã cedo, segundo o costume, entra Thereza no dormitório da linda patrãozinha, desce as cortinas do leito e prepara a capa de banho e as pequeninas sandalias douradas. Feito isso, fica de pé, ao lado, á espera que a boneca adormecida se móva para despertar. Como esse momento esteja custando, a camareira se decide a chamal-a.

— Mademoiselle!... Mademoiselle!...

— Heim?... Heim?...

— E' preciso levantar-se. E' quasi meio-dia.

— Meio-dia? — exclama, bocejando, mlle. Helena. — Oh, como foste importuna, Thereza! — Era tão feliz!... Sonhava com a noite que passei hontem com o visconde, e é cousa de pensar se o sonho não é mais agradável que a realidade!

— Eu tambem, — confessou Thereza, — eu sonhei com meu primo Francisco, e asseguro que o meu sonho tambem foi...

— Ah, tens um primo? — interrompeu a moça. — Nunca me falaste nelle...

— E' que eu não me atrevia, mademoiselle.

— E como é teu primo? — indaga Helena, com curiosidade.

— E' um homem! Um verdadeiro homem! Alto, forte, robusto... Impossivel resistir-lhe!

— O visconde é o contrario. E' um refinado, um delicado. E não podes imaginar, Thereza, como elle entende de cousas de amor!

— Comprehando, então, o amolecimento com que a senhora accordou hoje, — observa a creada, os olhos brilhantes. — Esse genero de conversa deve ser encantador...

— Eu tambem comprehendo a tua fadiga, Thereza. A força, a energia, a descisão, devem ter, tambem, os seus encantos. E deve ser tão agradável a gente ser dominada pelo homem a quem se ama!...

— Melhor, porém, deve ser o sentir-se a gente amada por um sentimental, não por um brutal!...

— E' louro ou moreno, o teu primo?

— Moreno.

— O visconde é louro.

— Que pelle branca o sr. visconde deve ter!

— E suave! O teu tem a pelle bronzeada... Não tem?

— E os olhos negros!

A rapariga approximou-se mais do leito da sua senhora, observando-lhe, a voz baixa:

— O sr. visconde tem aspecto de senhorita. Deve ser muito divertido na intimidade...

— Parece uma menina. E' mais fragil do que eu. Em compensação, teu primo, quando está zangado, deve ser terrivel; deve ameaçar-te, derribar-te ao chão, torturar-te...

E Helena fez um gesto de admiração, que Thereza pareceu não comprehender.

— E' verdade, sim, senhora; embora não seja muito agradável...

— Em minha vida eu não tenho encontrado senão creaturas affeminadas, que se põem a tremer quando me vêm aborrecida...

— A mim, todos os meus noivos me esbofetêam.

— Todos? Que sorte tens, querida!

E como a creada insinuasse um protesto, continuou:

— Tu não podes imaginar, Thereza, como é insupporta-

vel permanecer ao lado de um homem amavel, sem vontade para nada, sem resistir para exiar o de zejo!

— Que felicidade, ter um admirador tão submisso!

— Eu não penso assim. Emfim, traze-me o chá. Isso me dará animo para vestir-me.

E enquanto sorvia, a pequenos goles, a bebida aromatica, ia Helena accrescentando, com ares de indiferença:

— Que officio tem teu noivo?

— Elle é empregado do «Metro», na estação do Louvre.

— E' um officio muito commodo para as entrevistas.

— Mais commodo é o do sr. visconde. Como não tem nada que fazer, pode vir vel-a a qualquer hora que entenda.

— E' muito aborrecido! Um homem sem occupação é intoleravel!

Sem responder, Thereza olhou-se por um instante no espelho de Veneza, que reflectiu a sua linda cabecita de cabellos dourados, tornada mais garrida pela pequena touca de linho. Vendo-se assim, a rapariga sentiu-se digna de ser amada por um homem doce e delicado. Se o visconde attentasse para ella um momento!... Como devia ser delicioso sentir-se abraçada delicadamente, gozando, de leve, a caricia das frases refinadas!

Helena acabava de levantar-se. O espelho recolheu sua imagem, e, como Thereza, sorriu, ao sentir-se formosa e jovem. Que homem poderia resistir á sua belleza morena, a seus olhos negros, cheios de promessas ardentes?

E tomando uma rapida descisão, ordenou:

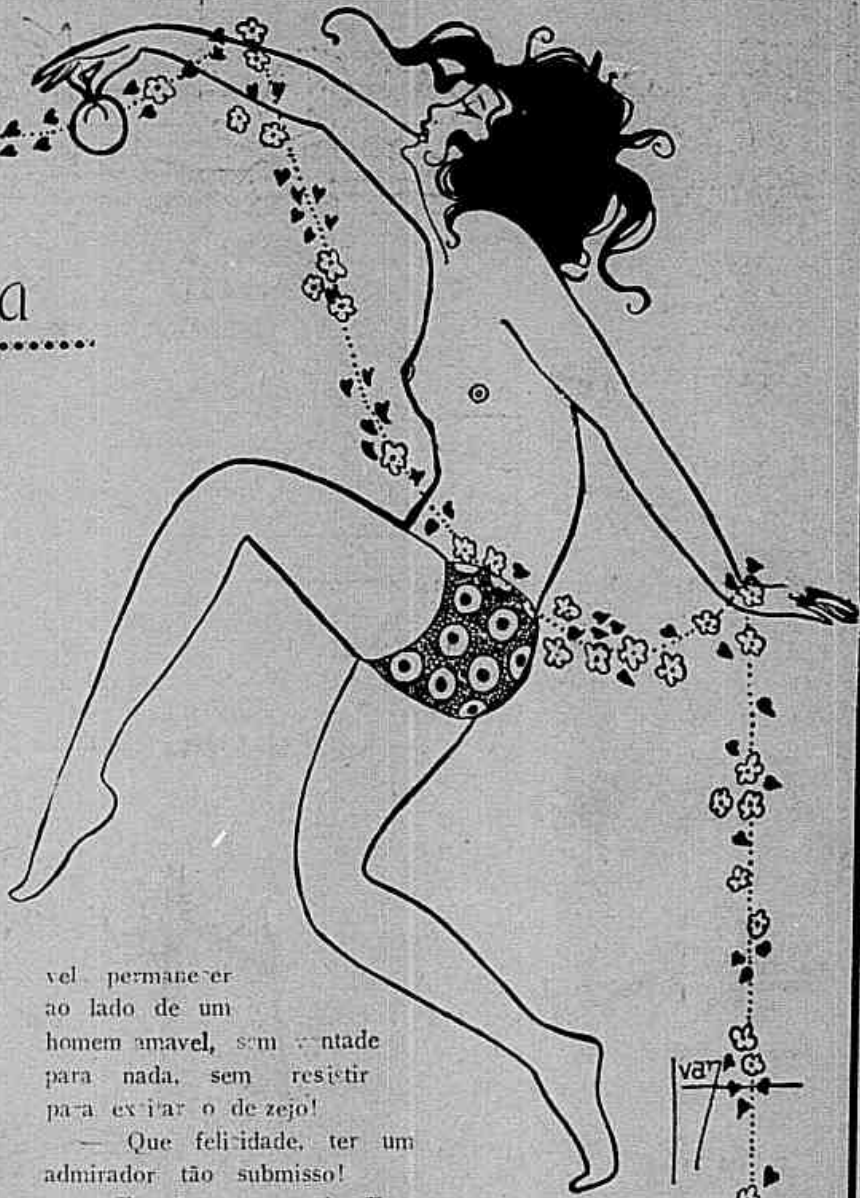
— Meu vestido de passeio... Vou sahir.

— Antes do almoço?

— Sim. Quero dar uma volta pelo bosque de Bolonha, para abrir o appetite.

— Quer que avise o «auto»?

— Não; tomarei o «Metro»... na estação do



RAUL SOARES



Os primeiros annos da Republica foram, para a cidade de Ubá, em Minas, de absoluta tranquillidade. Chefiado pelo coronel Camillo Soares de Moura, o partido governista parecia invencivel. E nem era para menos, com o homem que o dirigia.

O coronel Camillo era um homenzarrão forte, robusto, magestoso. O simples aspecto da sua pessoa, infundia respeito. E como elle, era a sua próle masculina, composta de rapagões bonitos, soberbos, imponentes, que toda a zona admirava e respeitava.

Nesse numero não estava, entretanto, o rebento mais novo da familia, o Raul, que era, ao que parece, o encanto do pae. Amarello, soturno, cabeçudo, o menino não se parecia, em nada, com os outros. E era por isso que um dos irmãos, o Camillo, que é, hoje, o sr. ministro Camillo Soares, do Tribunal de Contas, observava, li-sonjeado:

— Coitado do Raul! Como foi o ultimo a nascer, não encontrou mais belleza, e ficou sendo o unico feio da familia!

O pae ouvia essa verdade, e accentuava, consolado:

— Mas, tambem, em compensação, é, da familia, o unico intelligente!

Conhecendo-lhe a propensão para as letras, o velho Camillo resolveu mandal-o para São Paulo, á conquista de uma carta de bacharel. E estava o moço estudante na Paulicéa, quando se deu em Ubá o conflicto politico mais famoso de Minas, no qual estavam envolvidas pessoas do seu sangue, numa d'essas fatalidades que abalam, para sempre, a vida de um homem. Rapasola ainda, foi Raul Soares o unico membro da familia, talvez, que não tomou parte nos acontecimentos. E foi por isso que, ao formar-se, annos depois, preferiu á actividade politica em Ubá no municipio do seu nascimento, um pequeno cargo na magistratura, em Santa Lusia de Carangola.

Essa especie de exilio, em um lugar socagado e lyrico, accentuou no filho do coronel Camillo Soares a paixão pelos livros, pelas leituras, pelas pesquisas literarias. Queria esquecer a politica, de que trasia reminiscencias tão tragicas, e só encontrava conforto contra ella no convivio dos velhos escriptores, que se tornaram, desde logo, seus confidentes quotidianos. E estava, já, saturado d'elles, quando foi posta eem concurso a cadeira de portuguez do Gymnasio de Campinas.

— Vou inscrever-me, — resolveu, de prompto, o futuro presidente mineiro.

E quatro mezes depois estava, realmente, em Campinas, como professor do Gymnasio, e com uma banca de advogado, das mais afamadas e rendosas do fóro local.

Foi na prospera cidade paulista que Raul Soares passou os

melhores dias da vida. Afundado no estudo dos classicos, e, principalmente, de Christovão Falcão, escreveu ali «O poeta Crisfal», volume de commentarios eruditos que o tornaram conhecido no paiz inteiro, e, não menos, em Portugal.

O «virus» da politica estava, porém, nas veias do moço escriptor. Apaixonado pelas suas letras, sentia-se feliz repetindo, baixo, as «voltas» do delicioso seiscentista. Bastava que se encontrasse sosinho, para sussurrar, de si, consigo, no enlevo do poeta:

Dês que meus olhos olharam
Em vós seu mal e seu bem,
Se algum dia repouzaram
Já nenhum repouso tem.
Dias vão e noites vem,
Sem vos ver nem vos ouvir:
Como as poderei dormir?

A tendencia ancestral era, porém, mais forte que a sua vontade. Abalando o paiz de norte a sul, a palavra de Ruy Barbosa chegara a Campinas, fresca e sonora, no combate á candidatura militar. Enthusiasmado, arrebatado pelo verbo do Mestre, Raul Soares abandonou o socêgo do gabinete, e pôz-se á frente do movimento civilista. Fez conferencias, Escreveu artigos. Organizou «comités». O sangue dos Soares de Moura accordava nelle, impetuoso e vermelho, em favor de uma causa que, além de lhe parecer patriótica, era chefiada pela maior autoridade brasileira na disciplina de que elle era professor.

Foi no ardor dessa campanha que o surpreendeu uma noticia dolorosa: a morte do seu irmão Carlos, assassinado em Ubá por um cabo eleitoral da familia Peixoto, e que esta protegia francamente. Chamado pelos parentes, Raul Soares correu á sua cidade natal para tomar o pulso aos acontecimentos. Nos inqueritos feitos, verificou que os Peixotos davam mão forte ao assassino. Procurou entender-se com elles, como correligionarios, que eram, em civilismo. Appellou para Ruy Barbosa, pedindo a sua intervenção, em nome da justiça e da ordem. Com medo de perder a votação dos Peixoto, Ruy encolheu-se. Raul ficou indignado, rompeu com o civilismo, e, reintegrando-se no destino dos seus antepassados, assumiu, resolutamente, a chefia do partido governista de Ubá, resolvido a combater o civilismo até nas ultimas fortificações.

O heroismo com que se bateu nesse prelio memoravel decidiu a sua carreira politica. Eleito deputado estadual, foi escolhido «leader» do governo. Mandado para a Camara federal, passou por ahi sem discursos, mas alicerçando já, com as amizades, o prestigio futuro. Amigo intimo de Arthur Bernardes, e filhos, ambos, da mesma região mineira, levou-o este para Bello-Horizonte, como secretario das Finanças, logar a que foi buscado o presidente Epitacio,



FIGURAS NACIONAES



RAUL SOARES



THEATRO BOCCACIO

RUIVINHA

Comedia em 1 acto de Jan Richora

Personagens:

Laura, a «Ruivinha» — 28 annos. Armando — 30 annos. Rosa — uma creada. 45 annos.

ACTO UNICO

em casa de Laura

Boudoir — Enscenação luxuosa

SCENA 1.^a

Laura e Rosa

(Laura — na penteadeira, de pyjama de seda, examina as rugas, quando entra Rosa com uma revista na mão)

ROSA — A senhora não quer ler a «Maça»?...

LAURA — (continuando a examinar-se no espelho) Já estamos no sabbado...

ROSA — Quer agora o seu café com leite?...

LAURA — Deixa ver a «Maça»... e vae preparar um chocolate... (pegando na revista e lendo) «Fructa que amadurece aos Sabbados»... Eu tambem hoje me sinto madura... Parece que estou cahindo aos pedaços... Que noite!...

ROSA — A senhora passou mal?...

LAURA — Não te interessa... Vae buscar um chocolate... Preciso levantar as forças...

ROSA — (sahindo). Sim senhora...

SCENA 2.^a

Laura, depois Armando

(Laura ficando sosinha atira a revista para um canto, levanta-se e vae deitar-se num divan, ficando com os braços passados sob a cabeça, a olhar absorta para o tecto).

Pausa de 2 minutos.

ARMANDO — (entrando) Já estás de pé?.

LAURA — (de máo humor) Você está ficando cego?... Não vê que estou deitada?...

ARMANDO — Pensas que eu estou ficando cego... mas eu não preciso ainda de olhos para enxergar-te... Hontem...

LAURA — Em que trem você veio hoje de Petropolis?

ARMANDO — Por que perguntas?... Pois não sabes que eu não fui hontem a Petropolis?...

LAURA — (indifferente) E'... não foi...

ARMANDO — Não fui... e fiz muito bem...

LAURA — Fez muito mal...

ARMANDO — Só assim pude obter a prova do que eu queria...

LAURA — Que queria você?...

ARMANDO — Ver se de facto me enganavas...

LAURA — E vio?...

ARMANDO — Vi... Sabes?... Vi... Vi... Sim...

LAURA — Está ahí porque digo que você fez muito mal não indo a Petropolis... Se tivesse ido... como disse que iria, não teria visto nada...

ARMANDO — Já é ter cynismo...

LAURA — Antes isso... E' preferivel.

ARMANDO — Preferivel o que?

LAURA — A ser idiota...

ARMANDO — Laura!!!...

LAURA — Que diabo mordeu você? Idiota!... Sim!... Idiota!...

ARMANDO — Ainda repetes?...

LAURA — Que diabo então vem você fazer aqui?... Se vio... Melhor... E agora?...

ARMANDO — Ahí mesmo é que eu queria chegar... Confessas então que hontem... pensando que eu estivesse em Petropolis, cahiste na farra com aquelle sujeito moreno que nos estava acompanhando os passos outro dia na Exposição?!

LAURA — Você vio então?...

ARMANDO — Vi sim!... Eu estava no Leme quando cehgaste lá de automovel em companhia delle...

LAURA — Idiota... não... Retiro a palavra.

ARMANDO — Ah!... Já concordas que eu não sou um idiota...

LAURA — Idiota... não... Estupido.

ARMANDO — Como?!!

LAURA — Por que me disse que ia a Petropolis?... Por que?...



Écos do « match » Brasil-Uruguay



Vendo-se na gravura: Kuntz, Palamone, Barthô, Lais, Amílcar, Fortes, Formiga, Neco, Fridenreich, Tatú, Rodrigues, Batigawan, Urdigran, Tejera, Vanzzino, Zibecchi, Aguirre, Somma, Heruy, Romano, Cosanellas e Maran.

Cont. de «Raul Soares»)

quando precisou de um ministro sem galões para dirigir a Maçinha.

A passagem de Raul Soares pelo Caes dos Mineiros foi um dos assumptos humorísticos d'aquella epoca. Primeiro civil de uma pasta militar, era natural o despeito, ou, pelo menos, o resentimento dos almirantes preteridos. Um d'elles, ao sahir, no dia da posse, do gabinete ministerial, chamou o ajudante, e informou, solenne:

— O sr. dr. ministro manda novas ordens sobre o uniforme do dia.

E zombeteiro:

— Frack e dragonas!

O almirante Raul Soares foi, porém, um perfeito administrador. A prevenção contra os ministros civis, foi por elle attenuada de tal forma, que os militares lhe fizeram a mais carinhosa das despedidas no dia em que elle deixou a pasta para ir tomar assento no Senado, por exigencia do seu amigo Bernardes.

Foi ali, na casa das mumias, que Raul Soares tomou gosto pela politica intensa, manifestando a sua envergadura de tropeiro de homens. Grato a Arthur Bernardes, e confiante nelle, atirou á mesa da politica nacional a candidatura do presidente mineiro. E o que foi a batalha em favor desse seu amigo, toda a gente ainda se lembra, no Rio, em Minas, no Brasil inteiro.

Corajoso, resolutivo, quasi insolente, o senador mineiro desafiou o perigo, frente a frente. Uma atmosphera de prevenções cercava o seu candidato. Raul Soares não a dissipou. A' semelhança de certos individuos que varam a multidão sem pedir licença, tomou nas mãos o estandarte em que havia o nome do amigo, e avançou. E foi num atordoamento que o Senado, a Camara, os governadores, os politicos de toda a casta, abriram a bocca, espantados:

— Que é isso? O Pinheiro resussitou?

A tactica de Raul Soares era, realmente, a do grande chefe gaúcho: marchar para a frente, como quem conquista um direito e, jamais, como quem solicita um favor. Gastando poucas palavras, tornou-se, de um instante para outro, o chefe inesperado da politica nacional. E quando se o suppunha deslumbrado com a posição conquistada, e resolvido a mantel-a, eil-o abandonando o Senado, para ir occupar, pacificamente, como qualquer politico estadual, o palacio presidencial de Bello-Horizonte...

A feição particular do jovem chefe mineiro é a faculdade de dominar-se, evidenciada pela impassibilidade da phisionomia. Assaltem-n'o as alegrias mais intensas, as duvidas mais graves, as decepções mais terriveis, a mascara de Raul Soares não muda, não se altera, não revella o sentimento interior.

— Uma cousa que eu invejo no Raul — confessava, uma vez, o senador Azeredo, — é aquella cara que não trae, jamais, a emoção.

E com a sua franqueza habitual:

— Aquillo é que é cara de jogar «pooker»!...

O antigo professor de Campinas era, entretanto, e sem duvida, infinitamente mais feliz que o presidente de Bello-Horizonte. E é por isso que, com certeza, este se levanta, muitas vezes, na quietude da noite silenciosa, para repetir, baixinho, estes versos lindos, e melancolicos, do seu classico predilecto:

Os meus coidados cresceram,
As esperanças mingoaram;
Prazeres adormeceram,
Os pesares accordaram.
Ao bem os olhos cegaram,
Ao mal os foram abrir;
Nunca mais pude dormir...

Rodin



BIOTÔNICO
FONTOURA



O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE

Em todas as farmácias e drogarias
Depositaros: Plinio Cavalcanti & Cia.

Rua da Alfandega, 147 - RIO

a porta...

ROSA — Sim senhora...

— Laura — ...antes de sr. Armando
sair e não jogar a chave fóra... quem vai
para a rua... é você... (virando a cabeça
para o canto) Ande... depressa...

ROSA — (mostrando a Armando a chi-
cara de chocolate) E' melhor o Sr. tomar
esse chocolate antes de esfriar... senão logo
mais o Sr. não tem tempo... Hoje... en-
tão... a Ruivinha não lhe dá uma folga...
nem para respirar...

Jan Richôra

ALFAIATARIA



SANTOS DUMONT

A casa que mais
barato vende

ROUPAS PARA HOMENS, RAPAZES
E MENINOS

Especialidade em roupas sob
medida, de confecção
superior e corte elegantissimo

192, RUA 7 DE SETEMBRO, 192

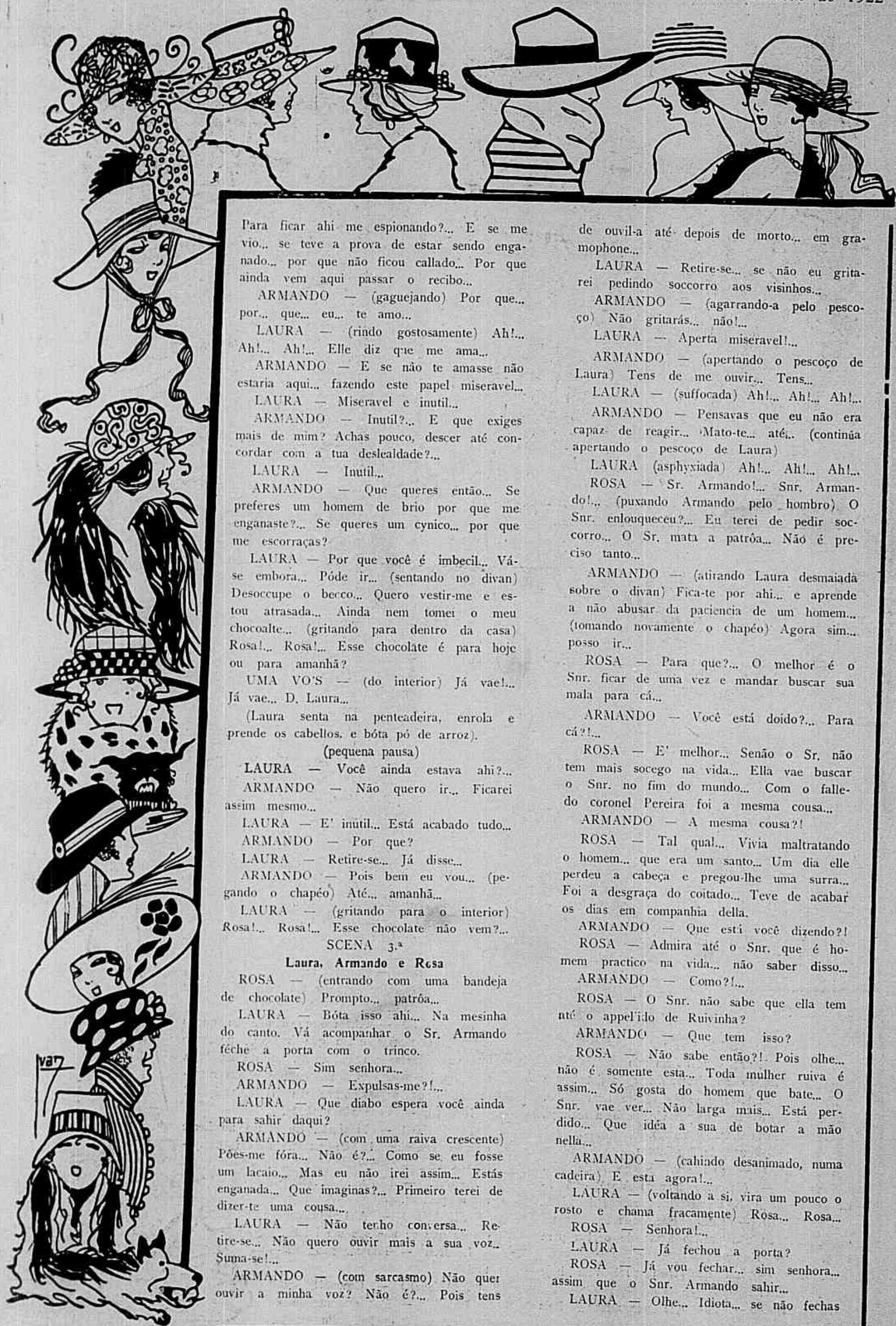
Vendas por atacado e a varejo.

PARA O BANHO

O SABÃO

THYMO BORICO

Contra: BROTOEJAS □ ASSADURAS □ PRURIDOS



Para ficar ali me espionando?... E se me vio... se teve a prova de estar sendo enganado... por que não ficou callado... Por que ainda vem aqui passar o recibo...

ARMANDO — (gaguejando) Por que... por... que... eu... te amo...

LAURA — (rindo gostosamente) Ah!... Ah!... Ah!... Elle diz que me ama...

ARMANDO — E se não te amasse não estaria aqui... fazendo este papel miseravel...

LAURA — Miseravel e inutil...

ARMANDO — Inutil?... E que exiges mais de mim? Achas pouco, descer até concordar com a tua deslealdade?...

LAURA — Inutil...

ARMANDO — Que queres então... Se preferes um homem de brio por que me enganaste?... Se queres um cynico... por que me escorraças?

LAURA — Por que você é imbecil... Vá-se embora... Póde ir... (sentando no divan) Desocupe o becco... Quero vestir-me e estou atrasada... Ainda nem tomei o meu chocolate... (gritando para dentro da casa) Rosa!... Rosa!... Esse chocolate é para hoje ou para amanhã?

UMA VO'S — (do interior) Já vae!... Já vae... D. Laura...

(Laura senta na penteadeira, enrola e prende os cabellos, e bôta pó de arroz).

(pequena pausa)

LAURA — Você ainda estava ali?...

ARMANDO — Não quero ir... Ficarei assim mesmo...

LAURA — E' inutil... Está acabado tudo...

ARMANDO — Por que?

LAURA — Retire-se... Já disse...

ARMANDO — Pois bem eu vou... (pegando o chapéo) Até... amanhã...

LAURA — (gritando para o interior) Rosa!... Rosa!... Esse chocolate não vem?...
SCENA 3.^a

Laura, Armando e Rosa

ROSA — (entrando com uma bandeja de chocolate) Prompto... patrão...

LAURA — Bôta isso ali... Na mesinha do canto. Vá acompanhar o Sr. Armando feche a porta com o trinco.

ROSA — Sim senhora...

ARMANDO — Expulsas-me?!...

LAURA — Que diabo espera você ainda para sair daqui?

ARMANDO — (com uma raiva crescente) Pões-me fóra... Não é?... Como se eu fosse um lacaio... Mas eu não irei assim... Estás enganada... Que imaginas?... Primeiro terei de dizer-te uma coisa...

LAURA — Não tenho conversa... Retire-se... Não quero ouvir mais a sua voz... Suma-se!...

ARMANDO — (com sarcasmo) Não quer ouvir a minha voz? Não é?... Pois tens

de ouvila até depois de morto... em gramophone...

LAURA — Retire-se... se não eu gritarei pedindo socorro aos vizinhos...

ARMANDO — (agarrando-a pelo pescoço) Não gritarás... não!...

LAURA — Aperta miseravel!...

ARMANDO — (apertando o pescoço de Laura) Tens de me ouvir... Tens...

LAURA — (suffocada) Ah!... Ah!... Ah!...

ARMANDO — Pensavas que eu não era capaz de reagir... Mato-te... até... (continua apertando o pescoço de Laura)

LAURA (asphyxiada) Ah!... Ah!... Ah!...

ROSA — Sr. Armando!... Snr. Armando!... (puxando Armando pelo hombro) O Snr. enlouqueceu?... Eu terei de pedir socorro... O Sr. mata a patrão... Não é preciso tanto...

ARMANDO — (atirando Laura desmaiada sobre o divan) Fica-te por ali... e aprende a não abusar da paciência de um homem... (tomando novamente o chapéo) Agora sim... posso ir...

ROSA — Para que?... O melhor é o Snr. ficar de uma vez e mandar buscar sua mala para cá...

ARMANDO — Você está doido?... Para cá?!

ROSA — E' melhor... Senão o Sr. não tem mais socoço na vida... Ella vae buscar o Snr. no fim do mundo... Com o falle do coronel Pereira foi a mesma coisa...

ARMANDO — A mesma coisa?!

ROSA — Tal qual... Vivía maltratando o homem... que era um santo... Um dia elle perdeu a cabeça e pregou-lhe uma surra... Foi a desgraça do coitado... Teve de acabar os dias em companhia della.

ARMANDO — Que está você dizendo?!

ROSA — Admira até o Snr. que é homem practico na vida... não saber disso...

ARMANDO — Como?!...

ROSA — O Snr. não sabe que ella tem até o appellido de Ruivinha?

ARMANDO — Que tem isso?

ROSA — Não sabe então?! Pois olhe... não é somente esta... Toda mulher ruiva é assim... Só gosta do homem que bate... O Snr. vae ver... Não larga mais... Está perdido... Que idéa a sua de botar a mão nella...

ARMANDO — (cahindo desanimado, numa cadeira) E esta agora!...

LAURA — (voltando a si, vira um pouco o rosto e chama fracamente) Rosa... Rosa...

ROSA — Senhora!...

LAURA — Já fechou a porta?

ROSA — Já vou fechar... sim senhora... assim que o Snr. Armando sair...

LAURA — Olhe... Idiota... se não fechas



HEBE

PÓ DE ARROZ DA MODA
ADHERENTE E PERFUMADO

Caixa 2\$800 — pelo Correio 3\$200

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Deposito Perfumaria Lisboa — OUIDOR, 55 — RIO

A enfermeira

Aquella encantadora creatura, que é, pela sua belleza, um dos orgulhos dos nossos salões, ficou noiva, ha mezes, de um rapaz que tinha uma perna dura. Depois, des nanchou o noivo do, compromettendo-se com outro moço doente de um braço. Agora, anda a fazer-lhe a corte um rapaz sympathico que a acompanha por toda a parte.

Ha dias, no Alvear, entravam os dois lado a lado, quando uma senhorita poz a «lorgnette», indagando :

— E' o novo noivo d'ella ?

— E', sim, — informou o dr. Leonidio Filho.

E a curiosa, inspeccionando o rapaz :

— Elle é doente de quê ?

N' "A CASA TEDESCO"

Encontra-se sempre um deslumbrante sortimento de Setins Liberty, Crepes da China, Charmeuse e tecidos de verão, cujo bom gosto, qualidade e preços satisfazem á mais exigente clientela.

Não comprem sem verificarem os seus preços.

Rua Gonçalves Dias, n. 9

EXPEDIENTE:

"A MAÇA"

Semanario illustrado. — Director: Conselheiro X. X. — Proprietario: Humberto de Campos. — Redacção: Rua SACHET, 28.

Estados:

Anno 25\$000
Semestre 13\$000
Numero avulso \$600

Capital:

Numero avulso \$500
atrazado \$600

Agentes para os Estados:

Livraria LEITE RIBEIRO. — Rua Bethencourt da Silva, ns. 15, 17 e 19

Tabella para Anuncios:

1 pagina.....	200\$000	1/8 pagina.....	35\$000
1/2 ".....	110\$000	Capa a duas côres.....	450\$000
1/4 ".....	60\$000	" " trez ".....	600\$000

Tratar directamente na gerencia com o Snr. Jotta Abreu.

Telephone N. 4594

COMP. DE LOTERIAS NACIONALES DO BRASIL

Extracções publicas sob a fiscalização do Governo Federal, ás 3 1/2 e aos sabbados ás 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Hoje, 7 de Outubro, Ás 3 horas da tarde
GRANDE E EXTRAORDINARIA LOTERIA

200:000\$000

INTEIROS, 22\$000 — EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na sede da Companhia á Rua 1.º de Março, 88.

LUETYL

é o melhor remedio para o tratamento de todas as enfermidades provenientes das impurezas do sangue e da syphilis.

✦ Poderoso fortificante. ✦

UM SO' VIDRO FORTALECE E AUGMENTA O PESO DE 1 A 3 KILOS E AS VEZES MAIS



Unico especifico adop-
tado nos hospitaes do
Exercito e da Marinha
depois de OFFICIALMEN-
TE, estudado e experi-
mentado, ficando pro-
vado o seu incomparavel
: : : valor : : :

Unico receitado pelos
especialistas para o tra-
tamento e diagnostico
da syphilis, por ser de
efeito muito rapido e
absolutamente inoffen-
sivo a qualquer orga-
: : : nismo : : :

Um vidro de LUETYL vale por cinco ou dez
de qualquer outro. Experimente.

Tomando um vidro de Luetyl e não sentindo melhora, não de-
verá tomar outro, porque não sentindo melhora alguma, o que
soffre não é devido syphilis ou sangue impuro.



Nunca mais ninguém o esquece
Quem o beber vma vez,
E' delicia das delicias
Watson's Whisky Numero Dez.

A venda nos restaurants e hoteis de 1a. ordem.

O Rei Sol

Em um pequeno grupo de senhoras, na platéa do Municipal, discutia-se arte, quando alludiram ao reinado de Luiz XIV.

— Mas essas cousas só eram possiveis mes-
mo — apartou alguém, — no tempo do Rei
Sol.

Essa frase despertou a curiosidade de uma
viuvinha encantadora, de olheiras profundas e
profundissima ingenuidade literaria.

— O Rei Sol era Luiz XIV. Não era? — in-
dagou, simploria.

E como lhe dessem uma resposta affirma-
tiva:

— Mas, por que é que o chamavam de Rei
Sol?

As amigas entreolharam-se. E foi quando
uma, perversa, ensinou:

— E' porque elle era muito «quente», me-
nina... Não seria?

A Loteria da Cruz Vermelha Bra-
sileira é a maior
e a melhor da America do Sul.



ESPECIALIDADE EM
TECIDOS INGLEZES

Albuquerque

ALFAIATE

Tel. C. 4585

RUA 7 DE SETEMBRO N. 97 - Sob.



MELHOR QUALIDADE MENOR PREÇO

CAMISAS modelo americano em zephir, lulzine, percal, seda, etc., pyjamas, cuecas, meias, gravatas, lenços, collarinhos, ligas, suspensorios, camisas e ceroulas de malha de lã, cache-nez e cache-col de lã e de seda, etc., etc.

Na CASA ESTRELLA
OUVIDOR, 134

Theorias...

A theoria d'aquella joven senhora loura, divorciada ha poucos mezes, é das mais commo-
das e intelligentes que se têm inventado.

— A minha opinião sobre o amor — affirma-
va ella, — é que elle, para ser verdadeiro, pre-
cisa ser espontaneo. E, por isso, é que eu penso
que não se tem, jamais, amor ao marido.

E explicava :

— Ao marido, a gente tem amizade, gratidão,
pelos vestidos que nos dá, pelo cuidado de que
nos cêrca. O amor, porém, é desinteressado.

Fez um muchôcho, e concluiu :

— Amor, só se o tem quando é illegal, crimi-
noso, inexplicavel !

Trabalho inutil

Quando o marido propoz o divorcio litigioso,
fazia questão dos filhos, que eram tres. Provas-
do que a mulher andara mal, recebendo na intimida-
de domestica um engenheiro, um medico, e va-
rios individuos sem profissão exata, mandou o juiz
que as creanças fossem entregues ao esposo.

Como sempre acontece nessas occasiões, os pe-
quenos desappareceram. Sahindo em perseguição
dos fugitivos, o pae recobrou-os. A mãe raptou-os,
de novo. O marido apanhou-os outra vez. E é de-
solada, chorosa, que a desventurada exclama, ar-
rancando os cabellos com desespero :

— Ao menos, se fossem filhos d'elle !... E
não são !...

E ahi está como um pobre homem se afflige
por uma cousa que não lhe pertence...

Que é a felicidade?

A felicidade é o amor. Para ser feliz, é preciso amar. Para
amar, é preciso ser forte. E para ser forte é preciso ter usado o

"SEXUOL"

Remedio providencial, de effeitos assombrosos, incomparavel nos casos de Esterilida-
de -- Debilidade sexual -- Esgotamento nervoso -- Fraqueza senil -- Cachexia organica
-- Inappetencia genesica -- Neurasthenia -- Pouca virilidade, produzida por excessos.
Preparação opotherapica, feita segundo o methodo de Brown Sequard. — Preço do tubo 10\$000

DEPOSITOS { **RIO DE JANEIRO** — HARGREAVES & CIA. — Quitanda, 17.
S. PAULO — MESSIAS, ANDREUCCI & CIA. — Drogaria Inter-
nacional — Rua Quintino Bocayuva, 18.

CONSULTORIO MEDICO DA FABRICA RENY

Sob a direcção profissional do
Dr. Antonio Amarante
Rua Marechal Floriano Peixoto n.º 17
sobrado
Telephone Norte 2343

Tratamento por processos modernos das
molestias da pelle:

Eczemas agudos e chronicos, excessos de
gordura, queda
expontanea do cabelo, furunculos e anthrazes;

Extincção definitiva de verrugas, pellos
superfluos e de manchas;

Correcção de cicatrizes viciosas e de suas
anomalias por processos especiaes.

~~~~~  
Consultas diarias das 3 ás 5 horas  
da tarde.

## BANHOS DE MAR EM CASA

Vendem-se a 600 réis — 1.º de Março  
151 e nas boas pharmacias e drogarias —  
Exijam a marca registrada onde se lê: Ba-  
nhos de mar em casa. Unicos analyzados e  
recommendados por distinctos clinicos.

### Sacrilegio

Em um bonde do Canto do Rio, em Nicthe-  
roy, a viuva de um saudoso engenheiro e mil-  
lionario contava a um velho amigo um episodio  
galante, a proposito de um joven sacerdote pau-  
lista, gloria do pulpito brasileiro.

— E' uma creatura seductora, — dizia a moça.

— Eu fiquei, confesso, inteiramente perturba-  
da por elle. Aquella eloquencia que elle acaba  
de revellar nos seus discursos e sermões, é a  
mesma que tem nas palestras mais intimas.

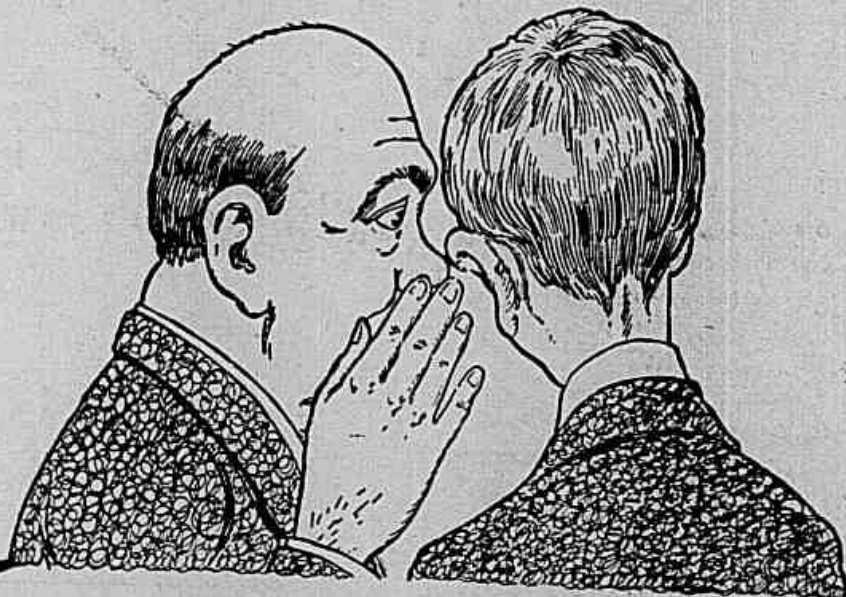
E contou, confidencial :

— Uma vez, em um jantar em nossa casa, eu  
não pude mais, e quiz manifestar-lhe a impres-  
são que elle me causava. Abri a bocca, e...

— E resistiu ? — indagou o amigo.

A moça deteve-se por um instante, e accen-  
tuou :

— Sim... elle resistiu !



## FALLE BAIXO...

USE

# Injecção Glycerina

de ABREU SOBRINHO

RUA DA LAPA, 6 — RIO